

Éta, Marujada!

A arte de soltar as amarras

Scheilla Gumes e Rosildo Rosário

Organizadores

· SAUBARA · BAHIA ·



Eta, Marujada!

A arte de soltar as amarras

Scheilla Gumes e Rosildo Rosário

Organizadores

• SAUBARA • BAHIA •

PROJETO REGISTRANDO AS MARUJADAS

COORDENAÇÃO EXECUTIVA

Coordenador Técnico: Rosildo do Rosário
Produção Executiva: Eliege Santiago
Assistente de produção: Luciana Maria de Lima Barreto

PESQUISA

Coordenação: Scheilla Gumes e Rosildo Rosário
Assistentes Pesquisadoras:

Elenilsa Pimentel
Helly Guiomar Silva
Nívea Regina Mesquita
Rosângela Gomes
Vanusa dos Santos

Coordenação Pedagógica: Antonio Arnaldo Moreira do Rosário

Mestres orientadores:

Aurelita Rocha de Jesus (Barca Nova Feminina)
João Antonio das Virgens (Fragata Brasileira)
José Alves de Jesus (Barca Nova Masculina)
Luis Fernando dos Santos (Fragata Brasileira)
Osmar Tosta de Jesus Filho (Barca Nova Masculina)
Tania Regina da Silva (Barca Nova Feminina)

CATÁLOGO

Organizadores: Scheilla Gumes e Rosildo Rosário
Edição e redação: Scheilla Gumes
Projeto Gráfico e Diagramação: Márcia Cruz
Fotografias: Carol Garcia, Camila Souza, Adenor Gondim, Ralph Waddey e arquivos pessoais

SITE

Design/Desenvolvimento: Márcia Cruz
Conteúdo: Scheilla Gumes

CD

Gravação e Mixagem: Tadeu Mascarenhas – Estúdio Casa das Máquinas
Assistente de gravação: Nancy Viegas, Germano Estácio, Tico Marcos
Direção Musical: Rosildo Rosário

VÍDEO DOCUMENTÁRIO

Produção: Ideograma
Concepção e Coordenação de Produção: Rosildo Rosário
Direção: Isolda Libório
Roteiro: Scheilla Gumes e Isolda Libório
Produção: Eliege Santiago, Luciana Maria de Lima Barreto, Márcia Cruz, Michelle Peronne
Assistentes de Produção: Vanusa dos Santos, Raimundo Jeferson do Rosário Barbosa
Operação de Câmera: Daniel Fróes, Gabriel Teixeira, Dário Vetere, Jerônimo Soffer, Isolda Libório
Técnico de Som: Napoleão Cunha
Microfonista assistente e som direto: Dudo Caribé
Arte gráfica: Márcia Cruz
Animação: Dario Vetere

ASSESSORIA DE IMPRENSA: Scheilla Gumes

ASSOCIAÇÃO DOS MARUJOS FRAGATA BRASILEIRA

- Presidente: Luis Fernando dos Santos
- Vice-Presidente: Crispiniano Altamirando dos Santos
- Tesoureiro: Aderivaldo Moreira do Rosário
- 1º secretário: Antonio Arnaldo Moreira do Rosário
- 2º secretário: Guilherme dos Santos Moreira
- 1º membro do conselho: Givaldo Santos de Souza
- 2º membro do conselho: Reinilson Moreira do Rosário
- 3º membro do conselho: Josenildo dos Santos Moreira

PATROCÍNIO



REALIZAÇÃO



APOIO



Sumário

Petrobras	5	Chegança de Mouros Barca Nova	67
Prefácio	7	A Encenação	68
Agradecimentos	11	Palavra de Mestre	96
Introdução	13	Edmundo Passos de Jesus - Mouro	96
A Chegança em Saubara	15	Osmar Tosta de Jesus Filho - Tosta	98
A Chegança de Marujos		José Alves de Jesus - Djalma	100
Fragata Brasileira	25	Lázaro Nery dos Santos - Lazineho	101
A Encenação	27	Aurelita Rocha de Jesus - Fiinha	102
Palavra de Mestre	55	Tania Regina da Silva Santos	104
João Antônio das Virgens	55	Sandra Conceição da Silva	105
Fernando Barbosa - Cavalo Ruído	57	Sustentabilidade	107
Joselita Moreira da Cruz Silva -		As mulheres, as crianças, as escolas	108
Dona Zelita	59	Álbum de Recordações	111
Luis Fernando dos Santos - Guga	61	Referências Bibliográficas	133



Petrobras

Patrocinar o projeto Registrando as Marujadas é, para nós da Petrobras, uma oportunidade de reunir vários dos aspectos que valorizamos. O resgate das tradições, a sua manutenção e a possibilidade de levar o conhecimento e a arte à frente.

O valor cultural e de patrimônio tão caros aos participantes das cheganças poderá ser percebido por quem tiver em mãos o material resultante do projeto. Pesquisadores, estudantes e qualquer apreciador de arte poderão conhecer as atividades com registros que dão visibilidade a criações tão importantes para a tradição baiana. Patrocinando projetos assim, almejamos alcançar a mais ampla diversidade étnica, regional e cultural.

Prezamos as atividades que incentivem o debate, a discussão, o estudo em busca do resgate de tudo o que já foi feito de positivo e do que pode ser criado, do que pode surgir de novo em toda forma de arte.

Valorizar a cultura com foco na afirmação da identidade brasileira está entre as diretrizes da política de patrocínios da Petrobras. Estimulando a realização de projetos de interesse público e que contemplem as singularidades regionais, a Petrobras espera consolidar o trabalho de resgate, recuperação e organização do acervo material e imaterial da cultura e da história brasileiras.

Articulado com as políticas públicas para o setor e focado na afirmação da identidade brasileira, acreditamos que o Petrobras Cultural contribui para a ampliação das oportunidades de criação, circulação e fruição dos bens culturais.

*Chegança de Mouros Barca Nova
Masculina. Saubara, agosto 2013.*

Foto Camila Souza



Prefácio

Aqui está um dos primeiros resultados da nossa intenção e esforço contínuo com o objetivo de materializar alguns ensinamentos aprendidos com os mestres e mestras dessa importante manifestação popular: os grupos de Chegança de Saubara.

Desde cedo, aos três anos de idade, fui apresentado a esta manifestação, levado pelo meu pai Raimundo Bento do Rosário conhecido como Mundinho de Janinha. Com ele aprendi as primeiras canções e a tocar o pandeiro da Chegança. Pandeiro que tem uma peculiaridade. Não é aquele toque que todo mundo conhece. É especial. É tocado por 30 pessoas simultaneamente. Tenho na memória os ensaios, toda tarde de domingo, na Rua do Cansação, onde hoje é a casa da família da finada Dona Izartina. Isso era por volta de 1978.

Uma coisa me chama atenção até hoje. Como essas pessoas, homens e mulheres, sabiam

todas aquelas músicas? Quem os tinha ensinado? Quem as inventou? Quem as ritmou? Das várias respostas para tudo isso aparecia sempre uma frase, “eu aprendi com meus pais”, aí eu entendia menos ainda. Como pescadores, marisqueiras, agricultores analfabetos conheciam tantas coisas? Meu pai me disse que aprendeu com meu avô Torquato e que, ele, com oito anos, saiu pela primeira vez no grupo. Meu pai faleceu aos 63 anos de idade. Fazendo uma rápida conta, esse grupo teria agora 55 anos. Mas essa idade cresceria bastante se pensarmos que a mesma história se repetiu com meu avô que faleceu há mais de 40 anos.

Voltando à nossa experiência no grupo, vi também que durante um bom período ela ficou inativa. Somente por volta de 1977 as crianças do passado se juntaram para reavivar o grupo. Os que agora são homens e mulheres fizeram diversos encontros para rememorar as histórias

que ouviram de seus pais e avós. As mulheres tiveram um papel muito importante nessa nova fase. Foi delas a responsabilidade de, a cada encontro, ordenar as canções, cuidar de como seria a roupa, organizar o grupo para os ensaios dentre outras coisas. Participaram efetivamente na “revivação” do grupo, mas não podiam se apresentar com o grupo: Chegança/Marinha era coisa de homem.

Dos vários livros que tenho visitado em busca de outras referências sobre as cheganças, marujadas, nau catarineta, barquinha, percebo que nós aqui em Saubara não estamos sozinhos. Há muitos outros grupos nesse imenso Brasil. Encontramos notícias de que existem diversos grupos de Chegança/Marujadas nos estados de



*Chegança de Mouros Barca
Nova Feminina. Saubara,
Janeiro de 2014.*

Foto Carol Garcia

Sergipe, Paraíba, Pernambuco, Alagoas, Piauí, Minas Gerais sem falar de inúmeros grupos encontrados na Bahia nas cidades de Camaçari, Lençóis, Paratinga, Prado, Cairu, Taperoá, Curaçá, Iará, Caravelas, Jacobina, Alcobaça.

Aqui em Saubara temos o contentamento de celebrar a existência de três grupos de Chegança. Chegança dos Marujos Fragata Brasileira, aquela em que eu aprendi a ser cheganceiro e da qual participo até hoje na função de contramestre. Esse grupo se aproxima mais de uma marinha de guerra brasileira que teve função de proteger as terras baianas no período em que aconteceram as lutas de independência da Bahia. Isso fica evidenciado em algumas canções. **“Vamos companheiros / Vamos lá chegar / Leva essa bandeira / Lá em Pirajá.”**

Pirajá é o local onde aconteceu a última batalha que resultou na expulsão definitiva de holandeses e portugueses de terras brasileiras. Há quem diga que aqui na Bahia de fato aconteceu a independência do Brasil. E, no imaginário dessas pessoas, foi possível reproduzir este momento histórico ludicamente através da Marujada. **“Glorioso São Domingos / Traz a frente para o mar / Pra socorrer todo aquele / Que por seu nome chamar”.**

Dizem que a Igreja de São Domingos foi erguida lá no “alto da freguesia”, onde era possível ver toda a movimentação dos inimigos que possivelmente atacariam cidades importantes naquela época. Saubara era uma das portas de entrada para o recôncavo. Sua localização era muito estratégica.

E quem disse que Chegança era coisa de homem? As mulheres de Saubara, filhas, irmãs, esposas daqueles que compunham a Chegança de Mouros Masculina decidiram criar no início dos anos 90 a Chegança Fragata Barca Nova de Mouros Feminina. Essa versão feminina reproduz exatamente as mesmas encenações da masculina e tem papel fundamental para a existência hoje dessa manifestação. Quando o grupo masculino ficou, por alguns anos, desestimulado e não mais se apresentava na comunidade, quem sustentou o grupo dos mouros por aqui foram elas.

Resistir às novidades, resistir à cultura de massa tem sido o maior desafio de grupos tradicionais como as marujadas de Saubara. De modo geral, seguimos! Contrariando as piores previsões de que teríamos desaparecido e, ainda, acreditando que são esses conhecimentos da cultura tradicional que mantém vivo esse nosso imenso país.

Resta agradecer a oportunidade efetiva de realizar tudo isso, tornada possível pelo Programa Petrobras Cultural e desejar bons momentos de deleite e de pesquisa.

Rosildo Rosário
Secretário da Associação dos Marujos Fragata Brasileira
Marujo, sambador, gestor cultural
Coordenador Geral Projeto Registrando as Marujadas

Em Saubara, maio de 2014.

*Chegança dos Marujos Fragata
Brasileira. Juão do Rosário,
Calafatinho. Janeiro de 2014.*
Foto Carol Garcia



Agradecimentos

Puxamos as amarras com muita alegria para festejar hoje, neste dia, para festejar, hoje, neste dia.

Seguindo os bons exemplos vamos aqui agradecer.

Primeiro um agradecimento geral a todos os mestres e mestras da cultura popular que têm nos alimentados com seus conhecimentos, fazendo a cada dia acreditarmos que tudo isso que fazemos é parte importante do que faz esse país ser o que é.

Aí meu Deus que tudo é mundo, ai, aiai, cada qual para o que nasce.

Agradecer às pessoas que embarcaram neste trabalho simples, mas, carregado de emoções, de sentimentos bons que várias vezes faz chorar, rir, ficar mais apaixonado por tudo isso que foi construído até aqui, com a certeza de que muita coisa precisa ser feita.

Remar, remar meus marujos, remar que temos bonança.

Agradecer às pessoas que passaram por aqui, deixando este legado e instituindo para outros o compromisso de não permitir que o tempo seja inimigo da tradição. As orientações foram dadas e aqui seguimos.

Reverenciando todos os cheganceiros, agradecemos a Mundinho Balsa que partiu para o mundo de orum, deixando todos os seus cientes de suas responsabilidades com o mundo imaginário que navegamos.

Glorioso São Domingos, consolai meu padroeiro, aceitai a romaria desse pobre marinheiro.

R.S.

A todos os cheganceiros e cheganceiras pela oportunidade de compartilhar tanta beleza. Vida longa.

S.G.



Chegança de Mouros Barca Nova Masculina.

Foto Arquivo de Lourinho

Introdução

O Projeto Registrando as Marujadas de Saubara consistiu na realização de uma pesquisa para levantar as características principais da manifestação Chegança e documentar o conhecimento de mestres e mestras dedicados a essa tradição.

Tem acontecido, em diversos cantos do Brasil, o calar de manifestações, jogos, brincadeiras de comunidades tradicionais. Acessar mecanismos que ajudem a prolongar essa memória, muito mais que projetar o futuro, é fazer-se presente.

É um compromisso inevitável da geração que, agora, dinamiza o cotidiano da Chegança. Ela que transita entre as lembranças mais atávicas – carregadas do afeto de seus familiares – e a fluidez e flexibilidade do contemporâneo. Perspicácia que lhes permite gravar, copiar, difundir sem perder a crítica, sem abrir mão do referencial ético e estético dos mais antigos.

O material aqui apresentado resulta de um significativo exercício de coleta. Dos preciosos relatos dos mestres das Cheganças e de moradores da cidade a referências presentes em publicações históricas. Dinâmica que teve como importante diferencial o fato de contar com a vivência de um grupo de moradores de Saubara, que se dedicou a olhar para esses mestres, para essas histórias, com o olhar do pesquisador.

Eles se desafiaram a sair do “costume”. Encher a “matula” de dúvidas, perguntas, inquietações. Descobrir como falar sobre si mesmo. Esses foram os desafios principais. Conseguir se ver, realizando o exercício de ir além do “foi sempre assim”. Mesmo sem saber todos os porquês, usufruir do gostoso exercício de querer saber mais. Mesmo conscientes de que não foi possível ver tudo, conseguir revelar com integridade o que viram para que essa experiência inspire muitas outras ao redor da “nau” saubarense.

O desafio do Projeto foi, então, o de organizar esses relatos, compondo narrativas possíveis, nas quais esses mestres e mestras possam se reconhecer, possam ouvir a sua própria voz.

Que os artefatos utilizados, Catálogo, Vídeo, CD, Site contribuam, efetivamente, para que a comunidade em geral conheça, acesse, participe e valorize sua produção cultural. Que parceiros sensíveis desejem se unir à Chegança.

Que jornalistas, produtores culturais, promotores de eventos, produtores musicais, críticos

de arte, artistas, músicos, professores, pesquisadores da cultura popular, estudantes universitários, estudantes secundaristas de todas as faixas etárias, de todas as classes sociais comentem, curtam e compartilhem.

Scheilla Gumes e Rosildo Rosário



Foto Carol Garcia

*Chegança de Mouros Barca
Nova Feminina. Saubara,
Janeiro de 2014.*

A Chegança em Saubara

Foto Adenor Gondim



Chegança dos Marujos Fragata Brasileira de Saubara. Salvador, 1982.

Saubara é considerada, há tempos, um berço das manifestações populares do recôncavo baiano. Muitas delas estão ligadas às lutas pela independência da Bahia, já que ali se formou um importante cerco de resistência aos portugueses.

As origens da Chegança em Saubara são um tanto difusas. Não há registros além das narrativas orais, de como tudo começou. Essas, por sua vez, tampouco são coincidentes. O que ocorre é

que algumas parecem fazer mais sentido. Também não há uma data específica em que se comemora o aniversário da Chegança. Mas consta de mais de cem anos de existência.

Edmundo Passos de Jesus, conhecido como Mouro tem as referências mais antigas. São as histórias que ouviu de seu pai. Conta Mouro, que veio um grupo de Mar Grande (localidade na Ilha de Itaparica), no tempo em que as casas

eram de palha, e se apresentou durante a festa do padroeiro.

Depois disso, organizaram a Chegança de Saubara. Hoje existem três grupos que representam a terceira geração de chegançeiros no município: a Chegança de Mouros Barca Nova (Masculina e Feminina) e a Chegança de Marujos Fragata Brasileira. As de Mouros, narram uma luta entre mouros e cristãos; e a de Marujos, acontece a partir de rezingas (brigas, reclamações) entre os próprios marujos.

Trata-se da encenação de uma luta que acontece dentro de uma embarcação em alto mar. A narração se dá com cânticos e também é falada. É uma história contada e cantada. No início, a história que está dividida entre a Fragata Brasileira e a Barca Nova era de uma só Chegança. Ninguém sabe contar como os pioneiros

conseguiram montar uma encenação, de enredo extremamente sofisticado e muitos personagens, que se desdobra em uma hora e meia de cânticos, falas, danças, já que não foram encontrados registros escritos.

O universo mítico em que se desenrola a Chegança é o da marinha de guerra. A versão mais comumente encontrada sobre suas origens a descreve como uma encenação de luta que acontece no mar, entre turcos e portugueses, quando barcos da marinha portuguesa invadiram mares da Turquia.

Seu Mouro, líder da Barca Nova Masculina, explica o motivo da briga: “a barca portuguesa invadiu por acidente as águas da Turquia e isso ocasionou a guerra”. E diz, poeticamente, que a chegança é uma briga cantada em verso e prosa. O pandeiro, fabricado com madeira e couro de boi, é utilizado para fazer a variação dos ritmos, orquestrando uma peculiar sonoridade.

No caso da Fragata Brasileira, são exaltados feitos dos marinheiros que protegeram a Baía de Todos os Santos contra os invasores na Guerra de Independência da Bahia.

O figurino, além da atração que provoca por sua beleza, é composto com as intencionalidades próprias da encenação. Cada peça da vestimenta, acessório ou instrumento tem significado específico, serve para indicar as funções, “as patentes” dos personagens integrantes.

A Chegança vai passando de pai para filho e quem é do “cordão” carrega essa memória no corpo. Um mistério só deles. Ninguém sabe



Foto Arquivo pessoal

Chegança de Mouros Barca Nova Masculina. Gravação de documentário. Chácara, Saubara, dezembro de 2013.



*Chegança de Mouros Barca Nova
Feminina de Saubara, janeiro de
2014.*

Foto Carol Garcia

As funções e patentes definem a composição dos personagens na encenação. Podemos ver, como exemplo, os papéis na Chegança de Mouros de Saubara:

Mestre: responsável pela navegação.

Comandante: autoridade maior da barca.

Embaixador: articula, conversa e resolve os problemas que a guerra apresenta.

General: apesar do General ser uma patente maior ele não tem nenhum poder de comando. O general não é uma patente da marinha e sim do exército. Ele foi “tomado emprestado” para ajudar a combater o inimigo. É ele quem luta com o Mouro;

Pimpão, Primeiro Gajeiro e Segundo Gajeiro: Tem como função na barca informar qualquer situação adversa que possa surgir;

Calafatinho: responsável pela limpeza da barca e, principalmente, por calafetar, consertar, tapar os buracos com estopa.

Guias: os quatros primeiros marujos que “puxam” as músicas.

Marujada: respondem os guias com seus refrãos.

Fazem parte da encenação três mouros. Eles só entram na barca na hora do combate. São os inimigos.

Mouro: luta com o General para tomar a embarcação. É vencido e preso.

Mouro Velho: entra na barca para salvar o sobrinho. Suicida-se por não alcançar seu pleito.

Mafama: Acompanha o Mouro Velho

explicar muito. Tudo é som, mar, movimento. Com o bater dos pandeiros o sangue corre mais veloz. O coração acelera. E é exatamente esse o ritmo da marujada quando toma as ruas de Saubara. E os elos, entre eles, tantas vezes invisíveis, têm cor, cheiro e voz.

Os grupos são autônomos. Não existe política municipal de incentivo a essas manifestações populares. Tudo que fazem é com esforço próprio. Muito recentemente, começam a acessar recursos públicos através de concorrência em editais estaduais e federais.

A encenação é fortemente marcada pela religiosidade. Em geral, as Cheganças vão às ruas no dia da festa do padroeiro da cidade. No caso de Saubara, São Domingos de Gusmão é o homenageado. Os marujos caracterizados, entram na Igreja e participam da missa. Em muitos momentos, os cânticos são para louvação e agradecimento por chegarem vivos em terra após um suposto naufrágio.

A Chegança é expressão viva das tradições e sua mistura com o sagrado. Compromisso de fé em festa. Rituais ligados a passagem do tempo, da própria vida. Os jogos, folguedos. Por mais que se busque os porquês, é difícil encontrar respostas diretas, explicações concatenadas. São impulsos de raízes profundas, que sequer precisam fazer parte de um mundo controlado, decifrado pelos mecanismos da razão.

O belo texto A Bahia de Outrora, de 1916, é uma espécie de dicionário em que o baiano

Manuel Querino, um dos mais importantes intelectuais afrobrasileiros, descreve cada manifestação popular já vista por ele. E lá, entre elas, está a Chegança. O modo como ou a circunstância em que acontecem e até as impressões gerais da sociedade da época a respeito de tais grupos e lideranças populares são pontuadas com a minúcia necessária.

Ele já falava de tempos saudosos, da época patriarcal em que os pescadores tinham na chegança um momento especial de festa. E assim ainda o é. Talvez, o patriarcado nem tanto. Mas a festa... Querino considera a chegança uma cena ou auto das cruzadas, que aparecia nas festas de Reis, S. João e 2 de Julho. Para ele “fôra, antigamente, dos divertimentos populares, talvez o mais importante”.

No caso da Chegança, a definição abaixo aparece em Querino. Fundamental trazer a passagem na íntegra, já que, aí mesmo, podemos usufruir de uma bela síntese dessa compreensão de época além de usufruir do registro de outras obras e autores que também versaram sobre o assunto. Sem contar que essa não é uma obra de tão fácil acesso. Curioso que ao longo do excerto citado, o autor mantém em letras minúscula o nome da manifestação.

“A chegança é um auto patriótico-marítimo do ciclo das conquistas portuguesas e filia-se nas Moralidades outro ramo do Arremedilho peninsular. O seu conjunto pode ser chamado de grande chegança. Corresponde na sua essência ao Auto dos fandangos de

Foto Adenor Gondim



Apresentação no Campo Grande, Salvador, Bahia (1982)

Gustavo Barroso em “Ao som da viola” e à Barca de Gonçalves Fernandes n’ “O Folclore Mágico do Nordeste”. Em suas minúcias, a letra e as cenas variam, o que se compreende em autos populares transmitidos oralmente em regiões afastadas umas das outras. – Também com o nome de chegança citam-se comumente episódios destacados da grande chegança e assim se fala em: chegança dos mouros, ou mouriscadas; na dos marujos ou marujada.

A chegança em si nada tem que ver com os autos da natividade ou com o ciclo do Natal como quer Gustavo Barroso. O episódio principal é inteiramente profano; mas, como era levado à cena pelo Natal, São João, Dois de Julho etc., incluía-se uma parte referente à festa da ocasião.

A chegança é criação brasileira; o seu tema é português. Convém frisado que os fandangos gaúchos nada têm de comum com o fandango ou a chegança do nordeste, como também a chegança portuguesa se afasta



Foto Arquivo

Chegança dos Marujos Fragata Brasileira.

completamente da brasileira. Aquela é uma dança lasciva como muito bem ressalta da crônica romanceada que lhe dedica Júlio Dantas, n' *O Amor em Portugal* no século 18.

O autor por excelência sobre a chegança tornou-se Antônio Osmar Gomes com o seu substancioso trabalho *A Chegança*, Rio, 1941. – Servirão de complemento:

Gonçalves Fernandes – *O Folclore Mágico do Nordeste*, Rio 1938, Cap. VIII; *A Barca*, pgs. 125-149.

Ali, principalmente no primeiro, se encontram outras fontes bibliográficas.

Depois destes estudos de autores nacionais convém remontar às fontes dalém-mar através do belo trabalho de Luís Chaves: “*O Ciclo dos Descobrimentos na Poesia Popular do Brasil*”, em Brasília, vol. II pgs. 81-157”.

Em comentários conceituais, dialoga com outros autores, seus contemporâneos ou que o antecederam. Esses comentários são acompanhados de posicionamento crítico, discordâncias, ou simplesmente funcionam para reforçar as ideias citadas. Ele também conta “causos” relacionados com o universo da cultura popular e, algumas vezes, a crítica à sociedade da época está, justamente, aí:

“Em certa ocasião, pelos festejos do Dois de Julho, João Pacheco, almirante de uma chegança, dirigia-se ao largo da Lapinha, como de costume, no intuito de acompanhar os emblemas de nossa emancipação política.

Ao chegar à praça de Palácio encontrou uma divisão do exército, estendida em linha, tendo à sua frente o comandante das armas, general Luiz da França Pinto Garcez.

João Pacheco, bem persuadido de sua posição de almirante, fez parar o préstito, e, de acôrdo com as ordenanças em vigor, prestou as homenagens a que tinha direito o general, com todas as formalidades do estilo.

O general, por sua vez, não se fez esperar, retribuindo ao almirante a continência a que tinha direito, na ocasião.

Esta circunstância, de todo imprevista, molestou a vaidade do capitão do porto, oficial da armada, sr. Leal Ferreira, pai do de igual nome, que fora governador da Bahia, em 1892, a ponto de procurar vingar-se com o popular João Pacheco, por ter obtido a continência do general, num dia de entusiasmo patriótico. Correram os tempos, e o perseguidor não alcançou o perseguido. Dá-se a luta da Sabinada, em 1837; João Pacheco tomou parte na revolução, foi prêso e remetido para a Presiganga, navio que serviu de prisão aos revoltosos, onde imperou, com rigor da ocasião e a ferocidade do mando, a voz do comandante.

O marinheiro, ansioso de vingança, não conhecia a quem procurava; porém houvera notícia de seus feitos. Inquiria de uns, fazia promessas vantajosas a outros, e nada de conseguir saber quem era o tal Pacheco, que, no entanto, estava às suas ordens dentro do navio.

Chegou a permitir um ano de licença com sôldo, e uma gratificação, ao marinheiro que descobrisse o paradeiro do tal almirante.

Não houve esforços empregados que lhe correspondessem à expectativa. A descoberta de Pacheco constituiu um segredo tumular. Ninguém o denunciou". (QUERINO, 1955, p.66)

Esse importante relato histórico faz referência a um período tenso na história. Não se sabe se foi devido a essas perseguições que a Chegança passou longo período sem sair de Saubara. Mesmo quando retomou suas atividades, por volta de 78, havia grande resistência aos passeios a Salvador. Isso pode ser percebido nos relatos de Dona Zelita.

As apresentações fora de Saubara são, ainda hoje, momentos especiais em que o grupo se sente importante e reconhecido.



*Chegança dos Marujos Fragata
Brasileira. Gravação de documentário.
Bom Jesus dos Pobres, janeiro de 2014.*

Foto Carol Garcia

A Chegança de Marujos Fragata Brasileira





*Chegada dos Marujos Fragata
Brasileira. Gravação de documentário.
Bom Jesus dos Pobres, janeiro de 2014.*

Foto Carol Garcia

A Chegança de Marujos Fragata Brasileira

A Chegança de Marujos Fragata Brasileira, ou a Fragata da Boca da Mata, é como fio que não se rompe, é nó que não desata. Mesmo depois de muitos anos desativada, quando o grupo retomou os trabalhos no final da década de 70, não parou mais.

Nessa época, Duca, Cachecol, Zinoel e Bispo resolveram colocar a Chegança novamente na rua. Os ensaios aconteciam na Rua do Cansação, depois no Lavador, depois nos rio das pedras, na casa de Gonçalo e, assim, sucessivamente.

A Fragata Brasileira tem pessoa jurídica e a sede, onde tudo começou e onde tudo acontece, é própria. No ano 80, a Fragata recebeu de um dos seus admiradores, o professor Ralph Waddey, palavras que a definem até hoje:

“A Chegança dos Marujos Fragata Brasileira, após ter sumido durante dezesseis anos das ruas da sua cidade, Saubara (Distrito de

Santo Amaro da Purificação), começou sair de novo em 1978, reconstituída por aqueles poucos integrantes da antiga marujada que estão ainda entre nós e pelos descendentes destes “antigos”. Foram principalmente as mulheres dos marujos – esposas, tias, primas, irmãs e mães, que fizeram a pesquisa básica que levantou os velhos textos e melodias (pesquisa que á pra causar inveja a qualquer bom etnólogo) e colocou esta “Fragata Brasileira” de novo na rua.

Nos seus “passeios” lentos e nas ruas, suas “marchas”, a Chegança canta as durezas e os perigos humanos e naturais da vida nas velhas embarcações dos tempos do Brasil colônia e louva os santos que salvam os marujos para que possam chegar em terra. As “rezingas”, que são verdadeiras óperas populares curtas, elucidam dramaticamente, com diálogos cantados e com coros, as

causas e as consequências dos apuros em que a fragata entra. O contramestre gosta de uma cachaça, mas culpa o gajeiro quando o navio quase se perde numa tormenta, tormenta esta que o gajeiro previa, mas que o contramestre se recusou a reconhecer.

O guarda-marinha cobiça o ouro do ourives, mas o acusa de estar contrabandeando quando este se recusa a vender o material

a ele. O calafate, super atarefado e exausto, vai preso por abandonar o posto quando pula no mar para apanhar o charuto do mestre.

A CHEGANÇA DE MARUJOS “FRAGATA BRASILEIRA” é assim um ato tanto religioso quanto cívico. São, seguramente, poucas as terras que dispõem de formas tão singelas de comemoração da sua existência”.



Foto Carol Garcia

Chegança dos Marujos Fragata Brasileira. Gravação de documentário. Bom Jesus dos Pobres, janeiro de 2014.

A Encenação

A narrativa se faz através de canções que são acompanhadas por uma orquestra de pandeiros tradicionais. A manifestação abrange cerca de oito ritmos diferentes, com mais de cinquenta canções.

Cantos da Chegança de Marujos Fragata Brasileira

Puxamos a Amarra

Refrão

Puxamos a amarra com muita alegria (2x)
Para festejar hoje neste dia (2x)

Refrão-coro

II
Ô meu São Domingos nos queira ajudar (2x)
Para no vosso dia nós o festejar (2x)

Refrão-coro

III
Ô meu São Domingos que cheiro de flor (2x)
Rogai à Maria pelo pecador (2x)

Refrão-coro

Pout Pourri: Vamos pra Igreja

Refrão

Vamos pra igreja (2x)
Fazer devoção (2x)
Para reder as graça (2x)
De nosso Gusmão (2x)

Refrão-coro

I
Ô meu São Domingos (2x)
Nos queira ajudar (2x)
Para no vosso dia (2x)
Nós o festejar (2x)

Refrão-coro

II
Ô meu São Domingos (2x)
É a flor dos anjos (2x)
Hoje neste dia (2x)
Tão alegre eu canto (2x)

Refrão-coro

*Chegança dos Marujos Fragata
Brasileira. Gravação de documentário.
Bom Jesus dos Pobres, janeiro de 2014.*
Foto Carol Garcia



Como Está Bonito o Alto da Freguesia

Refrão

Como está bonito o alto da freguesia (2x)
Aonde se festeja a pureza de Maria (2x)

Refrão-coro

I
Que cheiro de cravo que cheiro de flor (2x)
Rogai à Maria pelo pecador (2x)

Refrão-coro

II
Ô meu São Domingos nos queira ajudar (2x)
Para no vosso dia nós o festejar (2x)

Refrão-coro

Alegre Todas as Flores

Alegre todas as flores (2x)
Conosco vamos cantar
Viva o nosso padroeiro

Louvor viva!!
Glorioso São Domingos
Louvor viva!!
Consolai meu padroeiro
Louvor viva!!
Aceitai a romaria
Louvor viva!!
Desse pobre marinheiro
Louvor viva!!

Alegre todas as flores (2x)
Conosco vamos cantar
Viva o nosso padroeiro

Louvor viva!!
Glorioso São Domingos
Louvor viva!!
Foi quem fez a primazia
Louvor viva!!
Já recebeu seu Rosário
Louvor viva!!
Em mão da virgens Maria
Louvor viva!!

Alegre todas as flores (2x)
Conosco vamos cantar
Viva o nosso padroeiro

Reverência I

PARTE I

Refrão

Deus vos salve casa santa (2x)
Aonde Deus fez a morada
Onde mora o cálice bento
E a hóstia consagrada (2x)

Refrão-coro

I

Dai-me licença senhores (2x)
Hoje é um dia necessário
Publicar grandes louvores
À mãe de Deus do Rosário (2x)

Refrão-coro

II

Com seus joelhos postados (2x)
Maria com grande amor
Já recebeu o seu rosário
De joelho o pecador (2x)

Refrão-coro

III

No trono dessa matriz (2x)
Embora se ver amada
Onde se representa
Meu Jesus sacramentado (2x)

Refrão-coro

PARTE II

Refrão

Ô minha virgem do Rosário
Nós somos naufragantes
Nós escapamos de morrer
Neste mar inconstante (2x)

Refrão-coro

I

Puxamos na ponta de fora
Deu grande pé de vento
Nós prometemos uma romaria
Ao Divino Sacramento (3x)

Refrão-coro

II

Chamamos pelo vosso nome
Logo o tormento passou
E o vento quebrou a fúria
E o mar lento ficou (2x)

Refrão-coro

PARTE III

Refrão

Viva o Divino Sacramento
No "a nau" que navegamos

Coro-refrão

I

Glorioso São Domingos
Traz a frente para o mar

Coro-Refrão

II

Pra socorrer todo aquele
Que por seu nome chamar

Coro-refrão

III

Glorioso São Domingos
 Consolai meu padroeiro

Coro-refrão

IV

Aceitai a romaria
 Desse pobre marinheiro

Coro-refrão

PARTE IV

LOA I

Botai minha galera n'água
 Broqueando o mar foi ao fundo
 Eu chamei por São Domingos
 Eu vi socorro no mundo
 A divina providência
 Socorro nos veio dá
 Estamos em porto seguro
 Marujo toque a bailar
 Refrão-coro

Bravo, bravo

Hoje que dia de tanta praça de tanta alegria
 Aqui viemos louvar São Domingos neste dia (2x)

LOA II

Eta marujada – Pronto meu general
 O anjo São Gabriel
 Do céu trouxe uma embaixada,
 Que Maria Imaculada
 Foi perfeita mulher,
 Nasceu tão firme na fé
 Que de nada se assustou,
 Veio o anjo do Senhor
 Desceu do céu o encanto
 E o véu divino encarnou

Refrão-coro

Bravo, bravo

Hoje que dia de tanta praça de tanta alegria
 Aqui viemos louvar São Domingos neste dia (2x)

PARTE V

Refrão

Que bravo (2x)

Louvores, aplausos, louvores, aplausos

Coro-refrão

Pout Pourri / Olé, Olé ...

Refão
Olé, olé, puxa o ferro de marcha ré (2x)
Coro-refrão

I
Nós arrancamos o ferro estamos de prontidão (2x)
Esperando pela ordem do contra mestre ou patrão (2x)

Coro-refrão

II
Era eu, era meu mano, era meu mano mais eu (2x)
Nós alugamos uma casa nem ele pagou nem eu (2x)

Coro-refrão

III
Minha mãe era zarolha¹ com ela eu me criei (2x)
Vamos cantar à zarolha que outra coisa eu não sei (2x)

Coro-refrão

Remar Marujo

Refão
Remar, remar meu marujo
Remar que temos bonança (2x)
Queremos deixar de amar
Amor e triste lembranças (2x)

Refão-coro

I
É chegada a Barca Nova
Que do céu caiu ao mar (2x)
Nossa Senhora vem de dentro
Com dois anjinhos a remar (2x)

Refão-coro

II
Era eu, era meu mano,
Era meu mano mais eu (2x)
Nós alugamos uma casa
Nem ele pagou nem eu (2x)

Refrão-coro

III
Remar, remar meus marujos
Remar com muito cuidado (2x)
Quando é no fim da viagem
Está o remo quebrado (2x)

Refrão-coro

1 A forma cantada se refere a "çarola". Outra forma cantada na Chegança Barca Nova para se referir a mesma palavra é "saloia".



Chegança dos Marujos Fragata Brasileira. Gravação de documentário. Bom Jesus dos Pobres, janeiro de 2014.
Foto Carol Garcia

Vamos Companheiro

Refrão

Vamos companheiro
Vamos lá chegar (2x)
Leva essa bandeira
Lá em Pirajá (2x)

Refrão/coro

I
Ô meu São Domingos
É a flor dos anjos
Hoje neste dia tão
alegre eu canto (2x)

Refrão/coro

Adeus Minha Lila

Refrão

Adeus minha Lila,
Adeus minha Bela (2x)
Saudade da Lila,
Saudade da Lila que o meu peito leva (2x)

Refrão/coro

I
De longe avistava
Meu bem na janela (2x)
Por não vê a Lilá (2x)
Eu amei uma donzela
Por não vê a Lilá (2x)
Eu amei uma donzela

Refrão/coro

Vamos Botar o Remo n'Água

Refrão

Vamos botar o remo n'água
Que nós temos que navegar (2x)
Glorioso São Domingos de Gusmão
Ele nos queira ajudar (2x)

Refrão/coro

I
É chegada a barca nova
Que do céu caiu ao mar (2x)
Nossa Senhora vem dentro, ora vem dentro
Dois anjinhos a remar (2x)

Refrão/coro

II
Glorioso São Domingos
Traz a frente para o mar (2x)
Pra socorrer todo aquele
Que por seu nome chamar (2x)

Refrão/coro

III
Glorioso São Domingos
Padroeiro e protetor (2x)
Rogai pela marujada, marujada
A Jesus Nosso Senhor (2x)

Refrão/coro

Entramos no Jardim

Refrão

Nós entramos no jardim
Pra colher flores mimosas (2x)
Pra aplaudir ao juiz
Com essa flor tão venturosa (2x)

Refrão/coro

I

Cresce, cresce meus meninos
Para a pátria defender (2x)
Que o Brasil está jurado
Ou liberdade ou morrer (2x)

Refrão/coro

II

Glorioso São Domingos
Consolai meu padroeiro (2x)
Aceitai a romaria desse pobre marinheiro (2x)

Refrão/coro

III

No jardim das belas flores
E eu ouvi o pássaro cantar (2x)
Foi um canto tão saudoso
Que a mim fez abismar (2x)

Refrão-coro

A Não Atirou

Refrão

A não atirou, A não atirou
É certo largar, É certo largar
Adeus meu amor, Adeus meu amor
Eu vou embarcar, Eu vou embarcar

Refrão/coro

I

Ô meu São Domingos (2x)
É a flor dos anjos (2x)
Hoje neste dia (2x)
Tão alegre eu canto (2x)

Refrão/coro

II

Ô meu São Domingos (2x)
Nos queira ajudar (2x)
Para no vosso dia (2x)
Nós o festejar (2x)

Refrão-coro

Gajeiro Grande

Refrão

Gajeiro grande, gajeiro grande
Avistei farol, proa no Sul, proa no Norte
Eu bailando só

Refrão/coro

I

Ora se vê, ora se vê lá no barandá
As duas velas as duas velas a nos procurar

Refrão/coro

II

Meu contra-mestre (2x)
Eu bem lhe dizia (2x)
Que ferra-se a gavia (2x)
Em quanto era dia (2X)

Refrão/coro

III

Quanto era dia (2x)
Nada eu quis fazer
Me faltou cuidado (2x)
Quis me arrepender (2x)

Refrão/coro

Rezinga do Contra Mestre Piloto

Refrão

No natural da linha, vejo quatro velas (2x)
Marinha dá Sul para Inglaterra (2x)

Refrão/coro

I

Meu General vejo quatro velas (2x)
Marinha dá Sul para Inglaterra (2x)

Refrão/coro

II

Porta Bandeira vejo quatro velas (2x)
Marinha dá Sul para Inglaterra (2x)

Refrão/coro

III

Guarda Marinha vejo quatro velas (2x)
Marinha dá Sul para Inglaterra (2x)

Refrão-coro

IV

Meu contra-mestre vejo quatro velas (2x)
Marinha dá Sul para Inglaterra (2x)

Refrão/coro

CONTRA-MESTRE

Mestre piloto em que praia vamos dá (2x)
Olhe lá essa fragata para não se naufragar (2x)

PILOTO

Meu contra mestre eu bem lhe dizia (2x)
Chamasse por Deus que o barco vinha (2x)

CONTRA-MESTRE

Que barco é esse que trafega a barravento (2x)

CORO

É vapor inglês que vem trazer mantimento (2x)

Moças Baianas**Refrão**

Moças baianas cheguem a janela (2x)

Venham vê os marujos ora meu bem

Que vão pra guerra (2x)

Refrão/coro

I

Eles vão pra guerra deixe eles ir (2x)

Se eles não morrer

Ô meu bem tornaram a vir (2x)

Refrão/coro

II

Eles vão pra guerra vão pelear (2x)

Se eles não morrer

Ô meu bem a de voltar (2x)

Refrão/coro

Avança, Avança Caçadores

Refrão

Avança, avança caçadores
Do primeiro batalhão (2x)
E vamos vencer a Bahia
Com essa nau que é da nação (2x)

Refrão/coro

I
Nem inglesa, nem francesa
Nem a própria pernambucana (2x)
Nada disso vencerá a brasileira baiana (2x)

Refrão/coro

II
Cresce, cresce meus meninos
Para a pátria defender (2x)
Que o Brasil está jurado
Ou liberdade ou morrer (2x)

Refrão/coro

Eu Só Vejo o Mar

Refrão

Eu só vejo mar,
Eu só vejo terra (2x)
Só vejo marujo em campo de guerra (2x)

Refrão/coro

Ô meu patrão e também meu contra-mestre (2x)
Venha vê a alchibanda nesse mar de guerra (2x)

Refrão/coro

Ô meu patrão venha cá na proa (2x)
Pegue na Espada e defenda a coroa (2x)

Refrão/coro



Chegança dos Marujos Fragata Brasileira. Gravação de documentário. Igreja de São Domingos de Gusmão, Saubara, janeiro 2014.
Foto Carol Garcia

Fogo e Mais Fogo

Refrão

Fogo e mais fogo, fogo de arrasar (2x)
Estamos em campanha tocamos a peleja (2x)

Refrão/coro

I
Ô meu patrão e também meu contra-mestre
venha vê a alchibanda nesse mar de guerra (2x)

Refrão/coro

II
Ô moça baiana chegue a janela (2x)
Venha vê o marujo que partiu pra guerra (2x)

Refrão/coro

III
Fogo e mais fogo, fogo de arrasar (2x)
Estamos em campanha tocamos a peleja (2x)

Refrão/coro

Bota o Remo

Refrão

Bota remo em constante todos com muita alegria
Vamos louvar a Jesus dá louvores a Maria (2x)

Refrão/coro

I
Glorioso São Domingos traz a frente para o mar
Pra socorrer todo aquele
Que por seu nome chamar (2x)

Refrão/coro

II
É chegada barca nova que do céu caiu ao mar
Nossa Senhora vem dentro dois anjinhos a remar (2x)

Refrão/coro

III
Glorioso São Domingos consolai meu padroeiro
Aceitai a romaria desse pobre marinheiro (2x)

Refrão/coro

Nós Entramos Como Majestade

Refrão

Nós entramos (como majestade) (2x)
No jardim das belas flores (2x)

Refrão/coro

I

Glorioso (São Domingos) (2x)
Consolai meu padroeiro (2x)

Refrão/coro

II

Aceitai (a romaria) (2x)
Desse pobre marinheiro (2x)

Refrão/coro

Eu Me Aparto

Refrão

Eu de te me aparto
Eu te me ausento
Eu me “a” retiro
Adeus ingrata que na terra fica,
Ora adeus ingrata que na terra fica

Refrão/coro

I

Sobe meu gajeiro, meu gajeiro sobe
Sobe meu gajeiro que a terra é nobre (2x)

Refrão/coro

II

Sobe meu gajeiro, meu gajeiro a proa
Sobe meu gajeiro que a terra é boa (2x)

Refrão/coro

Rezinga do Calafatinho

CALAFATINHO

Eu já não posso mais bailar ô mais bailar
Pois nessa vida eu (vivo tão cansado) (2x)
Manda-me senhora eu sentar, que para eu puder
descansar (2x)

CORO

Eu já não posso mais bailar ô mais bailar...

CALAFATINHO

Se não, se não (quando eu for a leme) (2x)
No meu quarto (venha me tocar) (2x)
É de me deixar a dormir
Que me não é de governar (2x)

CORO

Eu já não posso mais bailar ô mais bailar...

PATRÃO

O que tem o (meu calafatinho) (2x)
Que te ouço (a rezingar) (2x)

CALAFATINHO

É o meu mestre é o meu patrão, que de
me se quer vingar (2x)

CORO

Eu já não posso mais bailar ô mais bailar...

I e II GUIAS

Ô meu patrão eu tenho que lhe contar (2x)
Que o senhor calafatinho que nos bota a perder (2x)

CORO

Graças aos céus estamos livres da tormenta (2x)
Deus lhe dê saúde ao senhor calafatinho (2x)

I e II GUIAS

Ô meu patrão eu tenho que lhe dizer (2x)
Que o senhor calafatinho jogou agulha
no mar (2x)

CORO

Graças aos céus estamos livres da tormenta (2x)
Deus lhe dê saúde ao senhor calafatinho (2x)

CALAFATINHO

Foi seu piloto foi quem mandou eu arriar (2x)
Para pegar seu charuto que caiu dentro do mar (2x)

CORO

Graças aos céus estamos livres da tormenta (2x)
Deus lhe dê saúde ao senhor calafatinho (2x)

PILOTO

Calafatinho não me venha enrascar (2x)
Eu com essa espada cabeça vou lhe tirar

CORO

Graças aos céus estamos livres da tormenta (2x)
Deus lhe dê saúde ao senhor calafatinho (2x)

PATRÃO

Sem mais demora calafate É preso já (2x)
Que pra ele me dá conta de agulha de mareá (2x)

CORO

Graças aos céus estamos livres da tormenta (2x)
Deus lhe dê saúde ao senhor calafatinho (2x)

CALAFATINHO

Ô meu patrão eu tenho que lhe pedir (2x)
Mandê me botar em terra não posso ficar aqui (2x)

CORO

Graças aos céus estamos livres da tormenta (2x)
Deus lhe dê saúde ao senhor calafatinho (2x)

PATRÃO

Calafatinho sofre suas dores (2x)
 No meio de tanto Marujo não posso servir favores
 (2x)

CALAFATINHO

Ô meu Patrão e também meu Contramestre (2x)
 Eu vos peço que mande soltar desta prisão (2x)

CORO

Graças aos céus estamos livres da tormenta (2x)
 Deus lhe dê saúde ao senhor calafatinho (2x)

CONTRA MESTRE

Peço a patrão calafate é solto já (2x)
 Hoje é dia de festejos não se pode castigar (2x)

CORO

Graças aos céus estamos livres da tormenta (2x)
 Deus lhe dê saúde ao senhor calafatinho (2x)

PATRÃO

Sem mais demora Calafate é solto já (2x)
 Ele já deu conta da agulha de mareá (2x)

CORO

Graças aos céus estamos livres da tormenta (2x)
 Deus lhe dê saúde ao senhor calafatinho (2x)

CALAFATINHO

Graças aos céus de todo meu coração (2x)
 Ainda ontem eu tava preso já hoje tô no cordão (2x)

CORO

Graças aos céus estamos livres da tormenta (2x)
 Deus lhe dê saúde ao senhor calafatinho (2x)

Essa Nau que Não Da Pelo Leme

Refrão

Esse nau que não dá pelo leme
 Não alça nem arriba (2x)
 Eu vi lá mastro do meio
 Na ponta da verga uma pomba arriá (2x)

Refrão/coro

Esse nau que foi feito em Lisboa
 Mora nas ondas do mar (2x)
 Olha lá seu mestre piloto
 Olhe lá que nau vai pegar (2x)

Refrão/coro

Esse nau que foi feito em Lisboa
 Toca, toca a peleja (2x)
 Eu vi lá mastro do meio
 Na ponta da verga uma pomba arriá (2x)

Refrão/coro

Esse nau que foi feito em Lisboa
 Mora nas ondas do mar (2x)
 Olha lá seu mestre piloto
 Olhe lá que esse a nau vai pegar (2x)

Refrão/coro



*Chegança dos Marujos Fragata
Brasileira. Janeiro de 2014.*

Foto Carol Garcia

Rezinga do Guarda Marinha

GUARDA MARINHA

Ora Deus bela menina (2x)
Eu de Lisboa cheguei (2x)
Eu trago pratas bem finas (2x)
E ouro no singular (2x)
Chega os senhores ourives (2x)
Para que seus preços vem dá (2x)

Coro I

OURIVES

Dou-te vinte mil cruzado (2x)
Pelo ouro fino real (2x)
Se não quiser me vender (2x)
Vou dá parte ao general (2x)

Coro I

GUARDA MARINHA

Ora Deus bela menina (2x)
Eu de Lisboa Cheguei (2x)
Eu trago pratas bem finas (2x)
E ouro no singular (2x)
Chega os senhores ourives (2x)
Para que seus preços vem dá. (2x)

Coro I

OURIVES

Salve vossa excelência (2x)
Meu tenente general (2x)
Olhe que o guarda marinha (2x)
Ta vendendo ouro por arte (2x)

Coro II

OURIVES

Salve vossa excelência (2x)

Parte eu já estou lhe dando (2x)
Olhe que o guarda marinha (2x)
Ta vendendo contrabando (2x)

Coro III

GENERAL (falando)

Vem-te cá Guarda Marinha
Por que razão vendes
Contrabando dentro dessa embarcação?

GUARDA MARINHA (falando)

Salve vossa excelência meu tenente general,
Eu um pobre guarda marinha
Não usaria de tal vereza de vender contrabando
Dentro dessa embarcação sem ordem do vosso rei.

GENERAL (falando)

Você não sabe que desse
"a nau" eu sou chefe de divisão?

GUARDA MARINHA (falando)

Parece não ter política nem tão pouca criação
Ajoelha-se em meus pés e venha me pedir perdão
Pelo falso que me levanta dentro dessa embarcação

GENERAL (falando)

Que atrevida resposta meus oficiais me deu esse
guarda marinha
I e II Gajeiro prenda esse guarda marinha

GUARDA MARINHA (falando)

Aí de mim meu patrão

PATRÃO (falando)

Não posso fazer nada por você hoje

GUARDA MARINHA (falando)

Aí de mim meu contramestre

CONTRA MESTRE (falando)
Vá quem lhe prendeu é quem vai te soltar

GUARDA MARINHA (falando)
Aí de mim calafatinho

CALAFATINHO (falando)
Quando eu estava preso você não me soltou

GUARDA MARINHA (falando)
Aí de mim meu general

GENERAL (falando)
Vá pagar sua culpa por aí.

CONTRA MESTRE
Com as tuas próprias mãos (2x)
O trabalho procurou (2x)
Chora agora sem remédio (2x)
Bem feito quem te mandou (2x)

Coro IV

GUARDA MARINHA
Deixa-me viver em duras penas
Já que a sorte me condena
Aí de mim um triste amante
Chorando as minhas grandes dores
Não me venha lembrar
Saudade dos meus amores (2x)

Coro V

GUARDA MARINHA
Capitão patrão a quem eu devo rogar (2X)
Se a prisão foi rigorosa nesse instante acabo já (2X)

Coro VI

COMANDANTE
Meu guarda marinha diz que tenho compaixão (2x)
Não me venda contrabando dentro dessa
embarcação (2x)

Coro VII

GUARDA MARINHA
Não choras menina de ver a minha prisão (2x)
Eu já estou livre dos ferros bailando nesse cordão
(2x)

Coro VIII

Maroto Pé de Chubo

Refrão

Maroto pé de chubo calcanhar de frigideira (2x)
Perdeu a liberdade de casar com a brasileira (2x)

Refrão/coro

Itaparica baleia em Santo Amaro xangó (2x)
Cachoeira Pititiga no sertão belo mocó (2x)

Refrão/coro

Quem tiver a sua filha não dê ela a marneiro (2x)
Dê a branco ou a mulato que nação brasileira (2x)

Refrão/coro

Fora maroto fora, fora maroto daqui (2x)
Brasileira não quer mais maroto no Brasil (2x)

Refrão/coro

Rezinga dos Gajeiros

CONTRA MESTRE (falando)
Vamos ouvi no Primeiro Gajeiro

PRIMEIRO GAJEIRO
Ô meu comandante, olhe que tormenta (2x)
Lá é vem uma nuvem que traz muito vento (2x)

Coro I

COMANDANTE (falando)
Ô meu contra mestre, o I gajeiro ta dizendo
Que vem uma nuvem que traz muito vento

CONTRA MESTRE (falando)
Eu tenho tanto tempo de mar e sei que esse I
gajeiro
Não entende nada vamos continuar com a nossa
viagem

PRIMEIRO GAJEIRO
Ô meu comandante, o que havemos de fazer (2x)
Chamar por Maria pra ela nos valer (2x)

Coro II

COMANDANTE:
Ô Virgem Maria manda seu anjos rainha (2x)
Neste mar de angustia, no céu e as estrelas guias (2x)

Coro III

CONTRA MESTRE (falando)
Vamos ouvir nosso II gajeiro

SEGUNDO GAJEIRO
Ô meu contra mestre lá vejo luzir (2x)
Estrelar o norte para nós seguir (2x)

Coro IV

COMANDANTE (falando)

Ô meu contra mestre, o Il gajeiro disse que aí,
Vem uma nuvem aí que traz muito vento

CONTRA MESTRE (falando)

Então você não ouviu o que disse meu Il gajeiro,
meu Il gajeiro disse que a noite tem uma luz aí
um luzir que é pra nos seguir, vamos continuar ouvir
o nosso Il gajeiro.

SEGUNDO GAJEIRO

Ô meu contra mestre, eu bem lhe dizia (2x)
Que ferrasse a gávea em quanto era dia (2x)

Coro V

CONTRA MESTRE

Em quanto era dia eu nada quis fazer (2x)
De certos cuidados eu quis me arrepender (2x)

Coro VI

COMANDANTE

Esse contra mestre é um beberrão (2x)
É a causa da derrota dessa embarcação (2x)

Coro VII

CONTRA MESTRE

Senhor padre capelão nos botai sua bênção (2x)
Olhe que nós estamos perdidos dentro
embarcação (2x)

Coro VIII

PADRE CAPELÃO

Que queres meu bons marujos filhos do meu
coração (2x)
Chamamos pela mãe de Deus que nos dê a
salvação (2x)

Coro IX

Ferra, Ferra

GUIAS

Ferra, ferra eu já to ferrando (2x)

Coro

Meu contra mestre mande chegar a escota

Coro

Ô meu patrão mande chegar a escota

Coro

Mestre piloto mande chegar a escota

Coro

Meu general mande chegar a escota

Coro

Calafatinho mande chegar a escota

Coro

Graças Céu

GUIAS

Graças aos céus ô Maria Virgem Bela (2x)

Ainda agora no perigo já estou em Salva terra (2x)

Coro

Espana os Panos

GUIAS

Espana os panos que o vento vem chegando (2x)

Em "percura" da Saubara vamos todos navegando (2x)

Coro

Arriba os panos que o vento vem chegando

Espana os panos que o vento vem chegando

Em "percura" de Saubara vamos todos navegando (2x)

Coro

Toda Vida eu Andei

GUIAS

Toda vida eu andei nessa embarcação (2x)
Hoje como eu não tenho dinheiro eu não embarco não (2x)

Coro I

GUIAS

Toda vida eu andei nessa embarcação (2x)
O patrão a mim não me paga eu não embarco não (2x)

PATRÃO

Ô embarca marujo embarca no meu coração (2x)
Quando nós chegarmos em terra te darei a espada nas mãos (2x)

Coro II

Eu não, eu não, eu não, eu não embarco não (2x)
Hoje como eu não tenho dinheiro eu não embarco não (2x)

GUIAS

Toda vida eu andei nessa embarcação (2x)
General a mim não paga eu não embarco não (2x)

GENERAL

Ô embarca marujo embarca no meu coração (2x)
Quando nós chegarmos em terra te darei os dólar nas mãos (2x)

Coro II

GUIAS

Toda vida eu andei nessa embarcação (2x)
Padre capelão não me paga eu não embarco não (2x)

PADRE CAPELÃO

Ô embarca marujo embarca no meu coração (2x)
Quando nós chegarmos em terra eu darei o tesouro nas mãos (2x)

Coro II

GUIAS

Toda vida eu andei nessa embarcação (2x)
O Piloto a mim não me paga eu não embarco não (2x)

PILOTO

Ô embarca marujo embarca no meu coração (2x)
Quando nós chegarmos em terra Tu darei o real na mão (2x)

Coro II

Eu não eu não eu não eu não embarco não
Hoje como eu não tenho dinheiro eu não embarco não (2x)

Chegança dos Marujos Fragata Brasileira. Pelas ruas de Saubara. Janeiro de 2014

Foto Carol Garcia



Reverência II

Refrão

Chegamos amigos chegamos
Com gosto e contentamento (2x)
Vamos fazer reverência (2x)
Vamos fazer reverência
Ao divino sacramento

Refrão/coro

I

Dai-me licença senhores
Hoje é um dia necessário
Publicar grandes louvores
À mãe de Deus do Rosário

Refrão/coro

II

Com seus joelhos postados
Maria com grande amor
Já recebeu o seu Rosário
De joelho o pecador

Refrão/coro

III

No trono dessa matriz
Embora se ver amado
Aonde se representa
Meu Jesus sacramentado

Refrão/coro

Adeus Cidade Querida

Refrão

Adeus cidade querida (2x)
Marchando em singular
Aonde eu de uniforme novo
Eu vou aprender a marchar (2x)

Refrão/coro

Adeus cidade querida (2x)
Marchando em singular
Aonde eu de uniforme novo
Eu vou aprender a marchar (2x)

Refrão/coro

Minha mãe era sarolha (2x)
Com ela eu me criei
Vamos cantar pra essa sarolha
Que outra coisa eu não sei (2x)

Refrão/coro

Adeus, Adeus Gente

GUIAS

Adeus, adeus gente até um dia (2x)

Coro

A mãe de Deus do Rosário é nossa guia (2x)

GUIAS

Meu general diz até um dia (2x)

Coro

O meu patrão dia até um dia (2x)

Coro

O meu piloto diz até um dia (2x)

Coro

Calafatinho diz até um dia (2x)

Coro

Porta bandeira diz até um dia (2x)

Coro

O Capelão dia até um dia (2x)

Coro

O contra mestre diz até um dia (2x)

Coro

A marujada diz até um dia (2x)

Coro

Primeiro gajeiro diz até um dia (2x)

Coro

Segundo gajeiro diz até um dia (2x)

Coro

Nosso ourives diz até um dia (2x)

Coro

Adeus, adeus gente até um dia (2x)

Coro



*Chegança dos Marujos Fragata
Brasileira. Janeiro de 2014.*

Foto Carol Garcia

Palavra de Mestre

João Antônio das Virgens

João das Virgens é, atualmente, uma das principais referências vivas para a Fragata Brasileira. Ele começou como calafatinho, aos 13 anos. Agora, comemora 60, bem vividos, de marujada.

À medida que foi crescendo e a voz mudando, seu “posto” na encenação também mudou. Foi guarda-marinha, gajeiro, contra-guia e, agora, é guia. Sua voz conduz o tom e o ritmo dos cânticos. “Quando eu comecei logo, tinha a inteligência. Logo aprendi as músicas, os estribilhos e hoje eu passei a ensinar. Naquela época, não tinha CD, era tudo na base da memória, era tudo mais difícil”.

Sente muito orgulho de ter colocado a primeira pedra para construir a sede da Associação. Mais orgulho ainda por ter conseguido doar boa parte do tempo necessário para tocar a obra, já que os recursos disponíveis não eram suficientes. “Na época, a gente ainda pagava as mensalidades. E quando tinha apresentação, às vezes ganhava alguma coisa para a manutenção do grupo, mas era muito difícil. Hoje que o folclore na Saubara



Foto Carol Garcia

está evoluído, os grupos são convidados para se apresentar. Mas antes era muito escondido. Então a gente fez aquele sacrifício de fazer uma sede, manter uma sede, tudo com capricho”.

A inspiração de Seu João não foi muito diferente do que aconteceu com os demais participantes da Fragata Brasileira. O encantamento pelas roupas, a organização (ele gosta de falar disciplina), os pandeiros, as canções e, claro, um membro da família, em quem se inspirar! No caso dele, o finado primo, apelidado Cachecol, vem forte à lembrança.

Ele é um exemplo de quem aproveitou cada minuto da infância. “Ah, me lembro, eu participei de todos os folclores de Saubara. Todos! A brincadeira bumba-meu-boi, o rancho, reisa-do, o terno, baile pastoril. Zé do Vale foi o único que não participei. E sempre morei nessa rua, Boca da Mata”.

Ao pensar na continuidade dos trabalhos, lembra logo dos mais jovens. “Hoje por causa da idade, estou deixando o cargo para os mais jovens. E outra, quando eu estou presente, eles ficam naquela influência, mas não se dedicam e comigo ausente um pouco, eles tem mais interesse em aprender. Em todos os ensaios, o compromisso era meu. Até hoje, quando eles estão ensaiando e chamam “vem seu João, vem seu João”, eu digo, não, agora é com vocês, para eles tomarem gosto”.

Mas não tem sido fácil. Na sua família, tem três netos que já participaram e saíram na função de Calafatinho. Vão crescendo e abandonam. Fica preocupado quando ouve os jovens dizerem que

isso é brincadeira de velho. “Teve um bocado de rapazes que já participaram e abandonaram e tudo vai se perdendo. Antes quando a Chegança saía, ia muita gente atrás, muita mesmo. Hoje, se não for membros, vai só”.

Seu João está esperançoso diante do movimento atual. Ele acha que os “cursos”, os “passeios” servem para “dar gosto a eles. isso tudo influi para eles não deixarem acabar a marujada. Conscientizar que eles estão fazendo isso por interesse da Fragata Brasileira, para evoluir e não deixar acabar”.

Palavra de Mestre

Fernando Barbosa – Cavalo Ruído

É realmente muito difícil encontrar Fernando Barbosa em Saubara. São vários, com diversas idades, em muitos endereços. Mas Cavalo Ruído só tem um. E ele faz parte da Fragata Brasileira há 36 anos. Está ocupando o lugar de 1º Guia, com a saída de João das Virgens, mas já foi padre capelão e gajeiro.

“Eu sou muito curioso. Faço músicas para festa dançante, frevo, tem músicas que eu faço nessas participações políticas. Está tudo na mente. Vi os mais velhos, tomei gosto e fui aprendendo”.

Seu irmão Antônio Barbosa também sai na Marujada. Mas ele não se lembra de ninguém insistindo para que ele entrasse. “Ninguém. Eu mesmo vi e gostei. A gente ia na casa de dona Neném, tinha um senhor que formou uma chegança de criança, aí eu participava.”

Para Seu Fernando, o grupo é uma irmandade, porque todos são unidos, não há desavenças. “Quando a marujada saiu do Lavador (atual nome de um bairro da cidade) há 36 anos



Foto Carol Garcia

mesmo, eu já estava na chegança da Rocinha e entrei na de cá de cima também. Quando a “de Mouros” não saía, eu saía na de Marujo, quando a de Marujo não saía, eu saía na de mouro. Já saí de Zé do Vale, na festa de Reis, no Terno. Todas as brincadeiras, eu participo”.

Como a maioria das crianças da sua época, as obrigações chegaram bem cedo para Cavalo Ruído. “Saía de manhã, ia para o calão na Itapema pescar, quando eu voltava, botava duas placas de bolo na cabeça e voltava pra Itapema de novo para vender, junto com o rapaz que vendia pão, filho do finado Dinho. Ele ia vender pão no Acupe e parava em Itapema. Quando eu voltava de noite, seu Felicíssimo já estava me esperando para ir pescar de redinha”.

E, mesmo depois que se envolveu com música, faz questão de frisar: “No dia a dia, era trabalho constante. Pesquei 32 anos de redinha para criar meus cinco filhos. Tirava piaçava no mato também”.

A formação musical começou aos treze anos, quando dois conhecidos professores de música na cidade, Mariosinho e o finado Valfredo, chamaram o garoto para tocar. “Foi aí que eu descansei um pouco dessa vida de trabalho. Aí, era só brincando aí pela rua. Vinha São João, vinha carnaval, a gente colocava aquele bloco de carnaval”.

Palavra de Mestre

Joselita Moreira da Cruz Silva – Dona Zelita

Os momentos mais importantes da vida de Dona Zelita se confundem com os da Marujada. Ainda jovem, vivia em Salvador e trabalhava em casas de família. Em uma das visitas a Saubara, para ver a sua própria família, assistiu a saída da Chegança na Festa do Padroeiro.

Decidiu que ia levar “a brincadeira” para Salvador. E assim Zelita o fez, mesmo contra a vontade da mãe. Tinha amigos influentes, como Gilberto Sena e Nelson Araújo, que puderam ajudar. Se houvesse na época a função de produtora cultural, empresária ou promotor, provavelmente esse seria o “cargo” dessa mulher visionária.

Não foi fácil. Ela, mulher, negra e analfabeta, sofreu todo tipo de preconceito. Preconceito que veio dos que supostamente, eram os seus e poderiam estar lado a lado com ela. “Eu fui muito criticada. Diziam que com tanto homem na Saubara, nenhum tinha tirado a marujada daqui. Aí eu disse, está bem! E continuei fazendo o que eu achava que devia fazer. Aí, Eurico, disse, você



Foto Carol Garcia

pode levar a Chegança lá de cima, a de cá de baixo, não. Aí, arrumei tudo e fomos. A primeira vez, levei no Pelourinho, a segunda vez no Campo Grande, a terceira vez também e a 4ª vez levei na marinha, no dia 13 de dezembro”.

O grupo não cobrava cachê, mas, quando havia possibilidade, pedia em troca itens necessários à própria manifestação. “Fiz passeio para comprar calçado, fiz passeio para comprar roupa, fiz passeio, comprou aquele terreno”.

Zelita conta que os Marujos não queriam ir para Salvador, com medo da Marinha. “Aí, eu acertei com Cid Teixeira, que foi na marinha comigo, para pegar o papel, porque sem o papel, eles não viriam, aí ele bateu o papel, eu não me lembro do nome do almirante”.

As primeiras articulações devem ter acontecido no começo da década de 80, como mostram os recortes de jornal na época [ver álbum de recordações ao final da publicação], que, inclusive, sem maiores explicações sugeriam que aquele grupo “não duraria mais 20 anos”.

É possível suspeitar de uma oposição entre as manifestações populares tradicionais e a noção de progresso e desenvolvimento social. Hoje, embora essa não seja uma questão resolvida, a permanência das manifestações fala por si.

Da mesma maneira, não podemos dizer que a visão machista está eliminada das relações sociais contemporâneas. O que podemos é perceber e afirmar crescentes reações a tais posicionamentos.

Ortingue de Maria ortingue (2x)
Ortingue de Maria olé olé lé
Ortingue de Maria olé
Casar com mulher sem dote (2x)
É remar contra maré olé lé lé (2x)
É remar contra maré

A brincadeira, aos olhos de hoje, soa inaceitável. Mas quando as mulheres da chegança cantam essa música, parece que vem com um respiro especial. O pulmão fica mais cheio de ar. E a sensação que dá ao vê-las, de todas as idades é a de que elas dão um “olé” nisso tudo. Elas estão puxando a amarra de marcha a ré... olé, olé...

Essa inspiração está personificada na figura de Dona Zelita que, recentemente, foi reconhecida pelo grupo como madrinha da Fragata Brasileira. Foi uma conquista dela. E como boa madrinha, não poupa conselhos:

“O poder público contribui muito pouco. Agora está sendo formada Chegança mirim e outra Chegança feminina. Tomara que a chegança mirim vá em frente, porque é outra forma deles terem amor, e já tem alguns meninos na chegança de adultos. E eu espero que não acabe, porque eu adoro essa brincadeira, você não sabe como eu sou apaixonada. Eu queria que os jovens se interessassem, para aprenderem, para não acabar. Os que estão continuando agora, iam com os pais desde os três anos de idade e são apaixonados por ela também”.

Palavra de Mestre

Luis Fernando dos Santos – Guga

Guga participa da Chegança há 29 anos. Des- ses, os últimos quatro foram dedicados à presidência da Associação, função que acumula junto com a de general, dentro do cordão. Já foi porta bandeira, mas Zinoel, que era o general afastou-se por motivo de doença. Guga, foi então, designado para o seu lugar. Desde a primeira constituição do grupo, de que eles têm notícias, parentes de Guga já faziam parte.

Mas, a influência familiar mais direta, para ele, é a de um tio, chamado Toninho. “A primeira vez que vi (a Chegança), estava bem pequeno, mas me lembro de que uma vez lá em cima, a primeira chegança que eu vi foi a da Rocinha, num lugar chamado Cruzeiro, na Rua do Lavador. Estava bem menino, era com o pai de Pintinho, o finado Passinho. Porque quando a de lá da Rocinha estava saindo, a daqui não estava em atividade”.

Não teve pai. Cresceu com a mãe no “Lavador”. Aos 10 anos, teve que sair da escola para



Foto Carol Garcia

acompanhá-la nos afazeres que mantinham a família. Em meio à correria da vida dura, ficaram as lembranças das brincadeiras na água: “la para o Porto da lenha, o campo da palmeira, no porto do Apicum... Maré e rio”.

Por conta da correria de sobreviver, não pode entrar para a Chegança logo que viu o grupo a primeira vez, mesmo tendo sentido “amor à primeira vista”. Como a maioria, aprendeu “só ouvindo”. Quando passou a fazer parte, “oficialmente”, já sabia as músicas.

Ele não tinha dinheiro para comprar a roupa. Depois que ficou adulto e pôde comprar o seu material, começou a sair. Ficava orgulhoso porque a mãe adorava a Chegança. Sempre seguia o grupo pelas ruas.

Estar na Chegança é um aspecto especial de alegria em sua vida. E não são somente as emoções do passado que movem esse homem maduro com olhos de menino sonhador. “Tem músicas mesmo, que não sei por que, me toca mesmo, talvez porque eu não consegui ser soldado. Quando canta assim vamos ver os marujos marchar para a igreja, eu me sinto assim bem feliz quando estou ouvindo”.



Chegança dos Marujos Fragata Brasileira. Janeiro de 2014.

Foto Carol Garcia



Chegança de Mouros Barca Nova





*Chegança de Mouros Barca Nova
Feminina. Cabuçu, janeiro de 2014.*

Foto Carol Garcia

Chegança de Mouros Barca Nova

A Chegança Barca Nova foi a pioneira. O grupo existe desde que se tem notícia da existência da marujada em Saubara. A partir dela, foram formadas a Fragata Brasileira e a Barca Nova Feminina. Sua história, portanto, confunde-se com a história da Chegança em Saubara.

A Chegança de Mouros tem os grupos masculino e feminino em atividade. A Feminina completou, em janeiro de 2014, 24 anos de atividades contínuas. Desde que a Chegança Feminina iniciou suas atividades, a única alteração comentada refere-se à saia, que era rodada, toda pregueadinha e passou a ser saia justa.

“O grupo feminino foi formado a partir da iniciativa de Maria de Tomé, Ângela, Ceiça de Cabeça de Sardinha e Barbinha de Perú. Essas quatro criaturas estavam em pé e sentadas no passeio de João de Lino. Foi em 1990. Eu vinha saindo de Dona Dete indo para Lourinho tomar

uma cervejinha e elas me chamaram. Elas já estavam falando sobre a Chegança e achavam que se os homens podiam elas poderiam também”, conta Edmundo Passos de Jesus, Mouro.

Assim como a masculina, não é constituída como pessoa jurídica e não tem uma estrutura formal de gestão.

A Encenação

Ambos os grupos seguem as mesmas marcações, falam e cantam os mesmos textos durante a encenação.

Concentram-se na Rua da Rocinha, onde reside a maioria das componentes do grupo de onde parte para a Igreja Matriz de São Domingos de Gusmão. A música de saída é a Marcha de Fogo:

Viva o Divino (Marcha de Fogo)

Refrão-coro

Viva o Divino São Domingos²
E a nau que navegamos (2x)

I
Prepara a toda marujada
Do primeiro ao derradeiro

Refrão-coro

II
Ou vamos vê aonde mora
São Domingos padroeiro

Refrão-coro

Alegres Todas as Flores (Marcha de Fogo)

Refrão

Alegres todas as flores (2x)
Com prazer vamos cantar

I
Viva nosso padroeiro
Louvores, já
São Domingos de Gusmão
Louvores, já
Foi quem nos deu a primazia
Louvores, já
Para brincar neste cordão
Louvores já

Refrão-coro

² Conforme orientação religiosa, a palavra "Divino" é usada para referenciar Deus, tal qual na Chegança Fragata Brasileira, também pesquisada, é cantado "Viva o Divino Sacramento". Ainda nesta pesquisa, na música Virgem do Rosário, é cantado "Ao Divino Sacramento".

Gajeiro à Vista Terra na Proa (Marcha de Fogo)

Refrão/ Coro

Gajeiro à vista (2x)
Terra na proa (2x)
Avistando Avis³ (2x)
Tamos em Lisboa

Refrão-Coro

I
Vamos para Igreja (2x)
Fazer devoção (2x)
Vamos render graças (2x)
A São Domingos de Gusmão (2x)

Refrão-coro

II
Ó meu Contramestre (2x)
Olha que tormento (2x)
Lá vem uma nuvem (2x)
Que traz muito vento (2x)

Refrão-coro

Gajeiro Grande (Marcha de Fogo)

Refrão-Coro

Gajeiro grande (2x)
Avistei farol
Proa no Sul proa no Norte
Eu bailando só (2x)

Refrão-Coro

I
Ó meu Contramestre
É que manda proa
Adeus ingrata (2x)
Que a terra doa

Como Está Bonito o Alto da Freguesia (Marcha de Fogo)

Refrão-Coro

Como está bonito o alto da freguesia (2x)
Aonde se festeja a pureza de Maria (2x)

Refrão-Coro

I
Vamos pra Igreja fazer devoção (2x)
Vamos render graças a São Domingos de Gusmão (2x)

Refrão-Coro

³ A dinastia de avis é sucedida pela união pessoal entre as coroas de Portugal e de todos os demais reinos de Felipe II. Disponível em: http://www.wikipedia.org/wiki/dinastia_de_avis. Acesso em: 12/12/2013.

Eu Não Vejo Mar (Marcha de Fogo)

Refrão/ Coro

Eu não vejo mar eu só vejo terra (2x)
Só vejo marujo em campo de guerra (2x)

I

Marcha marujada ao clarear do dia (2x)
Vamos da viva! Ao povo da Bahia (2x)

Refrão-coro

II

Ó moça baiana chegue à janela (2x)
Venha vê os marujos que já vão pra guerra (2x)

Refrão-coro

III

Oh! Meu Contramestre bendizia eu (2x)
Solta-te Luís prende esse Pompeu (2x)

Refrão-coro

Ao chegar em frente à matriz, aguardam a autorização do pároco. Entram. A reverência começa com a música Minha virgem do Rosário, seguida de O Divino São Domingos e se despedem:

Virgem do Rosário (Marcha de Passeio)

Refrão/ Coro

Oh! Minha Virgem do Rosário
Nós estamos a naufragados
Escapamos de morrer
Neste mar revoltado
Neste mar oh revoltado (2x)

Refrão-coro

I

Puxamos na volta de fora
Houve um grande pé de vento
Prometemos uma romaria
Ao Divino Sacramento (2x)

Refrão-coro

II

Chamamos pelo vosso nome
E a tormenta passou
O vento cessou a fúria
E os mares se acalmou (2x)

Refrão-coro

Meu São Domingos Nesse Dia (Marcha de Fogo)

Refrão-Coro

Meu São Domingos
Nesse dia (2x)
De alegria
Meu São Domingos
Nesse dia (2x)
De alegria

Prepara toda Marujada
Do primeiro ao derradeiro
Meu São Domingos
Nesse Dia (2x)
De alegria

Oh vamos vê aonde mora
São Domingos o Padroeiro
Meu São Domingos
Nesse Dia (2x)
De alegria

Deus Ó Salve Casa Santa (Reverência)

Refrão-Coro

Deus vos salve Casa Santa (2x)
Onde Deus fez a morada
Onde mora o cális⁴ bento (2x)
E a hóstia consagrada
Onde mora o cálice bento (2x)
E a hóstia consagrada

Refrão-coro

I
Cheguem todos os marujos (2x)
Do primeiro ao derradeiro
Para ver aonde mora
São Domingos padroeiro
Para ver aonde mora (2x)
São Domingos padroeiro

Refrão-coro

II
Vos peço meu São Domingos (2x)
De todo meu coração
Que nos guarde a Marujada
Desta grande embarcação
Que nos guarde a Marujada (2x)
Desta grande embarcação

Refrão-coro

III
Já fizemos a reverência (2x)
Tratamos de embarcar

⁴ A palavra é cálice, mas a forma cantada é cális.

Deus ordena que nós sigamos
Com o nosso bom general
Deus ordena que nós sigamos (2x)
Com o nosso bom general

Refrão-coro

A Nau Atirou (Marcha de Fogo)

A nau atirou, a nau atirou
É certo largar, é certo largar
Adeus meu amor, adeus meu amor
Que eu vou embarcar, eu vou embarcar

Refrão-coro

I
Quando a nau atirar (2x)
É certo largar (2x)
Adeus meu amor (2x)
Que eu vou embarcar (2x)

Refrão-coro

II
Ô meu contra -mestre (2x)
Olha que tormento (2x)
Lá vem uma nuvem (2x)
Que traz muito vento (2x)

Refrão-coro



Foto Camila Souza

*Chegança de Mouros Barca Nova
Masculina. Saubara, agosto 2013.*



*Chegança de Mouros Barca Nova
Feminina. Janeiro de 2014.*

Foto Carol Garcia

A Âncora (Puxada da Âncora)

Refrão-Coro

Olé, olé leva amarra⁵ até a ré (2x)

Refrão-Coro

I

Venha cá senhor Patrão meu Contramestre também (2x)

Ajudai marujada se não a âncora não vem (2x)

Refrão-coro

II

Levai, levai Marujada amarra para o convés (2x)

Levo o cabo cai o corpo abra as pernas quente os pés (2x)

Refrão-coro

III

Já arrancamos a âncora só falta agora embarcar (2x)

Oh amarra Calafata que temos de viajar (2x)

Refrão-coro

IV

Já embarcamos a âncora estamos de prontidão (2x)

Esperando pela ordem do Contramestre ou Patrão (2x)

Depois de receber a benção e agradecer, saem da Igreja e descem a colina cantando. Nesse momento as músicas são escolhidas aleatoriamente, podem variar de um ano para o outro. Quando param, começa o “Combate”, que é a apresentação da “questão”, são as cenas que compõem a “luta”. O Combate é, justamente, o desenrolar da história.

Moças Baianas (Marcha de Passeio)

Refrão-coro

Moça baiana chegue à janela (2x)

Vem vê os marujos oh meu bem que já vão pra guerra (2x)

Refrão-coro

I

Se eles vão pra guerra vão pelejar (2x)

Se eles não morrerem oh meu bem hão de voltar (2x)

Refrão-coro

II

Se eles vão pra guerra deixá-los ir (2x)

Se ele encontra os mouros oh meu bem hão de resistir (2x)

Refrão-coro

III

A Marujada a de vencer (2x)

E os mouros todos oh meu bem hão morrer (2x)

Refrão-coro

⁵ Náutica cabo ou corrente que prende o navio à âncora. Qualquer corda ou corrente que serve para amarrar. Disponível em: <http://www.dicio.com.br/amarra>. Acesso em: 12/12/2013.

Como Majestade (Marcha de Passeio)

Refrão-Coro

Nós entramos
Como majestade (2x)
No jardim das belas flores (2x)

Refrão-Coro

I
Ai também
Oh Meu Contramestre (2x)
Que barulho esse na proa (2x)

Refrão-Coro

II
Adeus, adeus, oh adeus ingrata
Oh adeus ingrata
Adeus sim que a terra doa (2x)

Refrão-Coro

Tirana Ingrata (Marcha de Passeio)

Refrão

Adeus, Adeus ô tirana ingrata (2x)
A pena que levamos nessa ausência
Essa despedida é quem nos mata (2x)

Refrão- coro

I
Adeus, Adeus companheiros meus (2x)
Se a grande Barca Nova segue agora
Eu me despeço⁶ vou dizendo adeus (2x)

Refrão-coro

II
Adeus, Adeus meninos também (2x)
Se a grande Barca Nova segue agora
Eu me despeço como quem não vem (2x)

Refrão-coro

⁶ Refere-se ao verbo despedir, dessa forma, "eu me despeço".



*1 Encontro de Chegança da Bahia.
Saubara, agosto de 2013.*

Foto Camila Souza

Rezinga do I Gajeiro

CONTRAMESTRE ordena ao GAJEIRO
Gajeiro grande sobes ao tope (2x)
Olhando para o Sul e olhando para o Norte (2x)

GAJEIRO responde
Já estou em cima meu Contramestre (2x)
Olhando para o Sul e olhando para o Leste (2x)

CONTRAMESTRE diz para o I GAJEIRO
Olhai se veres do barandar⁸ (2x)
Se há alguma vela a nos procurar (2x)
GAJEIRO diz ao CONTRAMESTRE
Meu Contramestre eu lhe dou parte (2x)
Lá vem os Mouros (2x)
De lá da proa Mestre Piloto
De cá da popa Meu Contramestre
Alarga, alarga (2x)

CONTRAMESTRE diz ao GAJEIRO
Prepara toda artilharia (2x)
Venha pra cima infantaria (2x)

Rezinga do Embaixador

EMBAIXADOR diz ao GENERAL
Mande tocar a peleja
Oh! Meu ilustre General
Que este Mouro Alzilino nossa nau vem conquistar (2x)

GENERAL diz ao EMBAIXADOR (trecho falado)
Partes embaixador
Diz aquele pirata
Que no campo
O espera sem tardar
Para ir prisioneiro
Ô para a morte dar

EMBAIXADOR diz ao MOURO (trecho falado)
Real Senhor
Manda-te dizer meu General
Que no campo
O espera sem tardar
Para ir prisioneiro
Ô para a morte dar

MOURO AZILINO diz ao EMBAIXADOR
Diz ao teu General
Que no campo
Estarei sem tardar
Para ir prisioneiro
Ô para a morte dar

⁸ Aparelho para equilibrar pequenas embarcações quando há mar grosso. Disponível em: <http://www.priberam.pt/dlpo/barandar>. Acesso em: 12/12/2013.

Avança Caçadores (Marcha de Passeio Abertura para Combate)

Refrão

Avança, avança caçadores do primeiro batalhão (2x)
Oh vamos defender a Bahia desta malvada nação (2x)

Refrão-coro

I
Ó cresce, cresce meus meninos para pátria
defender (2x)
Que o Brasil está jurado oh liberdade ou morrer (2x)

Refrão- coro

II
Nem Inglesa, nem Francesa nem a própria
Pernambucana (2x)
Nada disso vencerá a brasileira baiana (2x)

Refrão-coro

Oh Meu Mestre Oh Meu Patrão (Marcha de Fogo)

Refrão- Coro

Oh meu Mestre
Oh meu Patrão
Que barulho esse na proa
Refrão-Coro

I
Oh vá abaixo mastaréu
Que arrombou as escotilhas⁷

Refrão-Coro

II
Afogue todas as campanhas
Valei-me oh Virgem Maria

Refrão-Coro

⁷ Abertura no convés de uma embarcação.

COMBATE

CONTRAMESTRE chama o GAJEIRO
 Meu Gajeiro grande
 Prenda lá esse Pimpão (2x)
 Para não vim assustar
 O nosso tão bom Patrão (2x)

GAJEIRO GRANDE responde ao CONTRAMESTRE
 Meu bom Contramestre
 Bem dizia eu (2x)
 Solta-te Luís
 Prende esse Pompeu (2x)

PIMPÃO pede ao CONTRAMESTRE
 Meu bom Contramestre
 Rogue ao Meu Patrão (2x)
 Queira me soltar
 Já dessa prisão (2x)

CONTRAMESTRE pedi ao PATRÃO
 Meu bom Contramestre
 Venho lhe pedir (2x)
 Soltai o Marujo
 Para nós seguir (2x)

PATRÃO responde ao CONTRAMESTRE
 Meu bom Contramestre
 Volta ao seu lugar (2x)
 Pois eu lhe prometo
 O Marujo solto está (2x)

Informação do Gajeiro as Autoridades da Barca

Rezinga do II Gajeiro

GAJEIRO
 Oh! Meu Contramestre
 Os inimigos é vem
 É vem, é vem, é vem, é vem

CONTRAMESTRE responde
 O que havemos de fazer (2x)

MARUJADA resposta
 Rogai a Maria
 Que ela é mãe e nossa guia (2x)

GAJEIRO diz ao COMANDANTE
 Ô meu Comandante
 Os inimigos é vem
 É vem, é vem, é vem, é vem

COMANDANTE responde
 O que havemos de fazer? (2x)

MARUJADA
 Rogai a Maria
 Que ela é mãe e nossa guia (2x)

GAJEIRO ao General
 Ô meu Contramestre
 Os inimigos é vem
 É vem, é vem, é vem, é vem

GENERAL
 O que havemos de fazer? (2x)

MARUJADA
 Rogai a Maria
 Que ela é a mãe e nossa guia (2x)

Mouro Entra na Barca (Combate)

MOURO

Licença Senhores

Que nesta nau eu quero entrar (3x)

MOURO

Venho dar-te a embaixada (2x)

Do grã sultão ao General (3x)

MOURO

Eu sou Mouro Alzilino (2x)

Rei Senhor de meio mundo (3x)

Se pelejai aí comigo (2x)

A tua nau a de ir ao fundo (3x)

MOURO

Venho dar-te a embaixada (2x)

E quem me mandas é meu Senhor (3x)

GENERAL

E quem és o teu Senhor?

MOURO

És um grande imperador

Rei Senhor de Amoriplandas

Que por mim saudar-te manda

Sau...da saudar-te manda

GENERAL (trecho falado)

Senta-te embaixador

Reparas como falas

E com quem fala

MOURO (trecho falado)

Anunciação eu tive

Para embaixada te dar

Houve escuta e me atendes General

Ao ver o meu monarca

A poucas horas

Receber a sua atrevida embaixada

Verás o peso da minha espada

O quanto te desagrada

MARUJADA

Fogo e mais fogo, fogo de arrasar (2x)

Mouro agüenta rolo (2x)

Que vamos riá

Mouro agüenta rolo (2x)

Que vamos riá

GENERAL recebe um golpe e ajoelhado diz (trecho falado)

Meu Divino Sacramento

Dai-me força ao braço

Talento ao corpo

Para que eu combata

Com esse Mouro

Bárbaro Mouro

Partes em mim

Ah de tirar a vida

MARUJADA

Cutila, cutila, torna a cutilar (2x)

Mouro em campanha (2x)

Torna a degolar

Mouro em campanha (2x)

Torna a degolar

GENERAL

Entrega-te bárbaro Mouro (2x)

Não persigas a minha lei

Entrega-te bárbaro Mouro

Não persigas a minha lei

Pela fé do meu Deus eu juro (2x)

Que a mim não é de vencer

Pela fé do meu Deus eu juro (2x)

Que a mim não é de vencer

MARUJADA

Cutila, cutila, torna a cutilar (2x)

Mouro em campanha (2x)



*Chegança de Mouros Barca Nova
Masculina. Saubara, agosto de 2013.*

Foto Camila Souza

Torna a degolar
Mouro em campanha (2x)
Torna a degolar

GENERAL
Entrega-se Mouro que preso está (2x)
Por ordem de um Rei (2x)
Rei de Portugá
Por ordem de um Rei (2x)
Rei de Portugá

MARUJADA
Cutila, cutila, torna a cutilar (2x)
Mouro em campanha (2x)
Torna a degolar
Mouro em campanha (2x)
Torna a degolar

MOURO
Ainda me falta o Mafama e não hei de me entregar? (2x)
Ainda tenho o Apôlim (2x)
Esse não é de faltar (2x)
Ainda tenho o Apôlim (2x)
Esse não é de faltar (2x)

MARUJADA
Cutila, cutila, torna a cutilar (2x)
Mouro em campanha (2x)
Torna a degolar
Mouro em campanha (2x)
Torna a degolar

GENERAL
Entrega-se Mouro que preso está (2x)
Por ordem de um Rei (2x)
Rei de Portugá⁹

Por ordem de um Rei (2x)
Rei de Portugá

MARUJADA
Cutila, cutila, torna a cutilar (2x)
Mouro em campanha (2x)
Torna a degolar
Mouro em campanha (2x)
Torna a degolar

MOURO
Ai que eu não posso mais combater (2x)
Visto a cristandade (2x)
Me queres vencer
Visto a cristandade (2x)
Me queres vencer

MARUJADA
Cutila, cutila, torna a cutilar (2x)
Mouro em campanha (2x)
Torna a degolar
Mouro em campanha (2x)
Torna a degolar

GENERAL (trecho falado)
Mouro queres se batizar?

MOURO (trecho falado)
Trocós, trocos marroco

GENERAL (trecho falado)
Não é isso que te pergunto
Queres se batizar?

MOURO (trecho falado)
Trocós, trocos marroco

GENERAL (trecho falado)
Eu te dareis os batocos

⁹ Na cantoria "Portugá" quer dizer "Portugal".

Canto da Prisão do Mouro

Quem canta é o GENERAL
Leva meus guardas esse traidor (2x)
Tirai-lhe a vida com todo rigor (2x)

MOURO
Não tire a minha vida nem arranque o meu valor
(2x)
Não conheces que eu sou filho do monarca
imperador (2x)

Quem canta é o GENERAL
Leva meus guardas esse traidor (2x)
Tirai-lhe a vida com todo rigor (2x)

MOURO
Não tire a minha vida nem arranque o meu
coração (2x)
Basta levar-me prisioneiro dentro desta
embarcação (2x)

GENERAL
Leva meus guardas esse traidor (2x)
Tirai-lhe a vida com todo rigor (2x)

General Chama o Mouro Velho (Imperador)

GENERAL
Ô Mouro, ô Mouro
Vem se batizar
Ô Mouro, ô Mouro
Vem se confessar

MARUJADA
Se assim quiseres
Seja louvado
O teu império
É coroadado
Se assim quiseres
Seja louvado
O teu império
É coroadado

MOURO
Eu não quero o teu batismo
Nem quero me confessar
Só quero viver em guerra com o Rei de Portugal (2x)

MARUJADA
Se tu és Mouro não batizado
Procure o prêmio¹⁰ da cristandade
Se assim quiseres
Seja louvado
O teu império
É coroadado
Se assim quiseres
Seja louvado
O teu império
É coroadado

¹⁰ De acordo com um dos entrevistados a palavra em destaque deveria ser prédio, mas na forma cantada é prêmio.

MOURO

Ninguém de mim tenhas medo
Que não venho fazer mal
Venho entrar nesta fragata para meu Filho resgatar
(2x)

MARUJADA

Se tu és Mouro não batizado
Procure o prêmio da cristandade
Se assim quiseres
Seja louvado
O teu império
É coroado
Se assim quiseres
Seja louvado
O teu império
É coroado

MOURO

Os barões da monarquia
Todos vivem separados
Pra ver meu filho e sobrinho reduzido a
cristandade (2x)

MARUJADA

Se tu és Mouro não batizado
Procure o prêmio da cristandade
Se assim quiseres
Seja louvado
O teu império
É coroado
Se assim quiseres
Seja louvado
O teu império
É coroado

MOURO

500 marcos em ouro
Te darei ao General
Se soltarem a do malacos¹¹ dou-lhe o meu cetro
real (2x)

MARUJADA

Se tu és Mouro não batizado
Procure o prêmio da cristandade
Se assim quiseres
Seja louvado
O teu império
É coroado
Se assim quiseres
Seja louvado
O teu império
É coroado

MOURO

Te darei a minha filha
Lhe prometo a casar
Te darei minha coroa e o meu cetro real (2x)

GENERAL

Eu não quero a tua filha
Nem me prometo casar
Não quero a tua coroa nem o teu cetro real (2x)

MOURO (trecho falado)

Olha General
Não conhece que da Turquia eu sou imperador?
Como de mim não tem temor?

GENERAL (trecho falado)

Sei e reconheço
Que da Turquia és imperador

¹¹ Pessoa esperta, cheia de manhas, vivido, atento, desconfiado de tudo, ligado nas coisas. Disponível em: <http://www.dicionarioinformal.com.br/malaco/>. Acesso em: 12/12/2013.

Como segui a lei de Mafama
Para mim não tem valor

GENERAL (trecho falado)
Quem és tu?

MARFOMA (trecho falado)
Sou eu o Mafama

GENERAL (trecho falado)
Deixa a lei de Mafama
Que é feia, falsa, tirana e enganador
E creia nas cinco chagas de Jesus Nosso Senhor



Foto Carol Garcia

*Chegança de Mouros Barca Nova
Feminina. Cabuçu, janeiro de 2014.*

Rezinga do Imperador (Mouro Velho)

MOURO VELHO (Imperador)
Venha comigo vassalos
Que eu vou me lançar ao mar
Vou morrer apaixonado por meu filho não levar (2x)

MOURO (trecho falado)
Desça do céu as espadas
Do alto penedo do matador a traição
Com este punhal que trago
Transpasso no coração
No inferno escuro hei vou parar
Tudo com a morte a de se acabar

GENERAL
Já morreu o imperador com suas mãos se matou (2x)
Por não querer viver na lei de Jesus Nosso Senhor (2x)

MARUJADA
Já morreu o imperador com suas mãos se matou (2x)
Por não querer viver na lei de Jesus Nosso Senhor (2x)

GENERAL
Jesus neto de Santana Filho da Vilgem¹² Maria (2x)
Não permita que nos sejamos prisioneiro da
Turquia (2x)

MARUJADA
Jesus neto de Santana Filho da Virgem Maria (2x)
Não permita que nos sejamos prisioneiro da
Turquia (2x)

¹² Forma cantada para se referir a Virgem Maria. Percebe-se que em outra estrofe, cantada pela marujada a palavra é dita Virgem.

*Chegança de Mouros Barca Nova
Masculina. Saubara, agosto de 2013.*

Foto Camila Souza



GENERAL

Lançai n'água meus marujos esse Mouro sem ventura (2x)

Pois quem morre pelo seu gosto não se dará a sepultura (2x)

MARUJADA

Lançai n'água companheiros esse Mouro sem ventura (2x)

Pois quem morre pelo seu gosto não se dará a sepultura (2x)

Divisão dos Bens do Imperador**GENERAL**

O Mouro morreu nós vamos enterrar

O dinheiro dele é pra nós chular (3x)

O resto que fica é do General

Comandante

Todo Marujo que foi chibatão

Venha ao convés

Receber sua ração

MARUJADA

Não, não Senhor Patrão

Queremos dinheiro, mas não a ração

COMANDANTE

Todo Marujo que foi chibatão

Venha ao convés receber seu tustão

MARUJADA

Sim, sim Senhor Patrão

Queremos dinheiro, mas não a ração

COMBATE ENCERRADO

Graça do Céu (Marcha de Fogo)

Refrão-Coro

Graça do céu oh Maria Virgem bela (2x)
A fragata barca nova já está em salva terra (2x)

Refrão-Coro

I
Graça do céu de todo o meu coração (2x)
Ainda ontem eu tava preso hoje tô dentro do
cordão (2x)

Refrão-coro

II
Oh Senhor Piloto ontem mandou arriar (2x)
Para pegar o charuto que caiu dentro do mar (2x)

Vamos Levar a Barca Nova (O Resgate da Barca)

Refrão- coro

Vamos levar a barca nova
Três ano nas ondas do mar
Vamos levar a barca nova
Três ano nas ondas do mar
Sem mantimento e sem bala
Nós não podemos navegar
Sem mantimento e sem bala
Nós não podemos navegar

Refrão-Coro

I
Ai também me Contramestre
Porque que mandou arriar
Foi para apanhar o charuto
Que caiu dentro do mar

Refrão-coro

II
Ai também meu Contramestre
Porque barulho esse na proa
Ai também meu Contramestre
Porque barulho esse na proa
Adeus, adeus, adeus ingrata
Adeus, adeus a terra doa
Adeus, adeus, adeus ingrata
Adeus, adeus a terra doa

Refrão-coro

Rezinga do II Gajeiro (Gajeiro tenta avistar barca do socorro)

Na Linha Vejo Três Velas

Refrão- coro

Vamos levar a barca nova
Três ano nas ondas do mar
Vamos levar a barca nova
Três ano nas ondas do mar
Sem mantimento e sem bala
Nós não podemos navegar
Sem mantimento e sem bala
Nós não podemos navegar

Refrão-Coro

I
Ai também me Contramestre
Porque que mandou arriar
Foi para apanhar o charuto
Que caiu dentro do mar

Refrão-coro

II
Ai também meu Contramestre
Porque barulho esse na proa
Ai também meu Contramestre
Porque barulho esse na proa
Adeus, adeus, adeus ingrata
Adeus, adeus a terra doa
Adeus, adeus, adeus ingrata
Adeus, adeus a terra doa

Refrão-coro

Natural da Linha (Contramestre ordena ao Gajeiro confirmar a notícia)

CONTRAMESTRE

Sobe Gajeiro até em certa altura (2x)
Vê se alguma vela venha a nossa procura (2x)

GAJEIRO

Já estou em cima meu bom Contramestre (2x)
Olhando para o Sul e olhando para o Leste (2x)

CONTRAMESTRE

Olhai se vê lá no barandar (2x)
Se alguma vela vem nos procurar (2x)

GAJEIRO

No natural da linha vejo quatro velas (2x)
Mariado¹³ ao Sul para Inglaterra (2x)

MARUJADA

No natural da linha vejo quatro velas (2x)
Mariado ao Sul para Inglaterra (2x)

GAJEIRO

São quatro velas que navega a barra vento (2x)
É o navio inglês que vem trazer mantimento (2x)

MARUJADA

No natural da linha vejo quatro velas (2x)
Mareado ao Sul para Inglaterra (2x)

¹³ De acordo pesquisa, foi encontrada a palavra "mareado" que quer dizer enjoado (como em viagem marítima). Disponível em: <http://www.dicio.com.br/mareado/>. Acesso em: 12/12/2013.

Ortingue (Serrando Madeira para Conserto da Barca)

Refrão

Ortingue de Maria ortingue (2x)
Ortingue de Maria olé olé lé
Ortingue de Maria olé
Casar com mulher sem dote (2x)
É remar contra maré olé lé lé (2x)
É remar contra maré

Refrão-Coro

I
Venha cá Senhor patrão (2x)
Vem vê se a madeira é boa olé, lé lé (2x)
Vem vê se amadeira é boa
Vem vê e a madeira serve (2x)
Pra o camarote de proa olé, lé lé (2x)

Refrão-coro

II
Minha mãe era saloia¹⁴ (2x)
Com ela eu me criei olé lé
Com ela me criei
Vamos cantar a saloia (2x)
Que outra coisa eu não sei olé lé
Que outra coisa eu não sei

Refrão-coro

Vamos remar (Marujada remando ao porto)

Vamos levar o remo n'água
Que é da nossa obrigação
Companheiros com cuidado
Caia o corpo e leve o remo
Louvamos a mãe de Deus da Conceição

Barca Nova (Marcha de Passeio)

I
É chegada a Barca Nova
Que do céu caiu ao mar
Nossa Senhora vem dentro
E os anjinhos a remar (2x)

II
Santo Antônio é Piloto
São João é o Capitão
Nossa Senhora da Luz
Dona dessa embarcação (2x)

III
Essa grande Barca Nova
Que por Deus foi detalhada
Nossa Senhora da Luz
Rogai pela Marujada (2x)

¹⁴ Aldeão das vizinhanças de Lisboa. Fig. Individua rude, grosseiro, aldeão. Adj. Esperto, matreiro, velhaco, grosseiro, rude. Disponível em: <http://www.dicio.com.br/saloio/>. Acesso em: 12/12/2013.



*Chegança de Mouros Barca Nova
Feminina. Cabuçu, janeiro de 2014.*
Foto Carol Garcia



Foto Carol Garcia

Adeus Minha Lila (Marcha de Despedida)

Refrão/ Coro

Adeus minha Lila adeus minha bela (2x)
Saudade da Lila (2x)
Que meu peito leva
Saudade da Lila (2x)
Que meu peito leva

Refrão-Coro

I
Eu bem que avistava meu bem na janela (2x)
Por não vê a Lila (2x)
A mesma donzela
Por não vê a Lila (2x)
A mesma donzela

Refrão-coro

II
Oh sobe gajeiro bem alto da terra (2x)
Por ver a chibanda (2x)
Nesse mar de guerra
Por ver a chibanda (2x)
Nesse mar de guerra

Refrão-coro

Cidade Querida (Marcha de Despedida)

Refrão-Coro

Adeus cidade querida (2x)
 Marchamos nesse lugar
 Aonde eu vim de uniforme novo aonde aprendeu a
 marchar (2x)

Refrão-Coro

I
 Meu amiguinho camarada (2x)
 Onde foi tanta alegria
 Ou quando chegamos no porto da cidade da Bahia (2x)

Refrão-Coro

II
 Confiamos em Deus divino (2x)
 E no nosso bom General
 Que esse Mouro Alzilino nunca vai nos conquistar (2x)

Refrão-Coro

III
 Na capital da Maceió
 Fortaleza de mamão (2x)
 Fizeram meu fogo em frente
 Com balinhas de limão (2x)¹⁵

Cupido (Marcha de Passeio)

Refrão

Eu vi cupido em campos oh! Tiro olé
 Descalço pisando em flores
 Dizendo oh! Viva quem ama oh! Tiro olé
 Morra quem não tem amores

I
 Cupido reis dos amantes
 Oh! Tiro olé
 Foi quem me ensinou a ler
 Cupido morreu amando
 Oh! Tiro olé
 Amando eu é de morrer

Refrão-coro

II
 Cupido reis dos amantes
 Oh! Tiro olé
 Foi aprender trovadores
 Para cravar diamantes
 Oh! Tiro olé
 O peito dos seus amores

Refrão-coro

¹⁵ Na cantoria a estrofe não aparece, mas segundo um dos entrevistados existe a letra e melodia.

Meu Contra Mestre (Marcha de Fogo)

Meu Contramestre já chegou a peça (2x)
Agora vamos embora a toda pressa (4x)
Meu Comandante já chegou a peça (2x)
Agora vamos embora a toda pressa (4x)
Senhor Patrão já chegou a peça (2x)
Agora vamos embora a toda pressa (4x)
Calafatinho já chegou a peça (2x)
Agora vamos embora a toda pressa (4x)
Oh Marujada já chegou a peça (2x)
Agora vamos embora a toda pressa (4x)
Meu General já chegou a peça (2x)
Agora vamos embora a toda pressa (4x)

Bailar (Marcha de Fogo)

Refrão

Ai que eu não posso mais bailar
Oh! Mais bailar
Eu nessa vida
Vivo tão cansado (2x)
Mandai-me Senhora eu sentar
Que é para poder descansar ¹⁶ (2x)

Refrão-coro

I
O que é que tem
Meu calafatinho (2x)
Que lhe ouço
A suspirar (2x)
É o meu mestre é o meu patrão
Porque de mim se quer vingar (2x)

Refrão-coro

II
Então me diga
Quando for ao leme (2x)
E no meu quarto
Eu vivo a suspirar (2x)
Quando mim deixará dormir porque não é de
governar (2x)

Refrão-coro

*Chegança de Mouros Barca Nova
Feminina. Cabuçu, janeiro de 2014.*

Foto Carol Garcia



Palavra de Mestre



Foto Carol Garcia

Edmundo Passos de Jesus – Mouro

Ele tem um dia a dia comum a todo pescador. Edmundo Passos de Jesus, nas ruas de Saubara ou em casa, é o Mouro. Nasceu em Saubara, dia 07 de março de 1952. Participa da Chegança de Mouros Barca Nova há 50 anos. Ele deixou a função de contramestre para dar oportunidade a outros. Agora se considera como um “líbero”, assume o papel que for necessário.

A maior influência que teve foi do pai, Manoel dos Passos, que começou como primeiro gajeiro, depois foi segundo gajeiro e comandante. Os irmãos Gildo Passos de Jesus e Cecito Rodrigues de Jesus também foram referências importantes.

A Chegança faz parte das suas melhores lembranças de infância. No período das festas de reis, em janeiro, e nas proximidades de agosto, o movimento da casa mudava. Sua mãe estava sempre preocupada com o fardamento do pai. O menino ficava observando “seu herói” se arrumar todo. Achava muito interessante, aquela marujada toda bonita.

Sua memória ficou marcada pelo primeiro encontro, que misturou muitas emoções: “no dia, o Bahia Futebol Clube que é um time de primeira divisão jogou em Saubara contra o Náutico. De repente, quando o Bahia entrou em campo, os Marujos abandonaram a apresentação e correram para ver o time do coração. Foi daí que eu acabei me apaixonando por Chegança. E eu queria ir com meu pai, fazendo todo esse trabalho que ele fazia com a Chegança”.

A vida de Mouro é assim. Cheia de fatos e feitos. Um deles é o surgimento da Chegança Barca Nova Feminina, do qual é diretamente responsável, junto com outras quatro mulheres visionárias.

Ele se surpreendeu muito. Elas queriam ajuda dele, que não se fez de rogado. “Há exatos 24 anos era já o começo em que as mulheres queriam imitar os homens, querendo fazer melhor que os homens”.

Mouro foi movido pelo desafio. Recordar-se de quando chegou a Saubara, em 1976. “Decidi que ia colocar a Chegança de novo na rua! Parti pra cima e, mesmo pedindo esmolas, conseguimos. Acontece que quando as mulheres me chamaram para colocar a Chegança Feminina na rua, muita gente me dizia que eu não iria conseguir, mas eu consegui realmente colocar uma Chegança muito bonita”.

Mouro diz sem medo: “essas mulheres têm arroj!” Realmente fizeram uma Chegança muito bonita. As meninas que estão hoje à frente como Fiinha, como Tânia, elas participaram da Chegança e estão dando continuidade, agora que as pioneiras se afastaram”.

Uma de suas frustrações foi não ter conseguido envolver os filhos no movimento da Chegança. “Eu sempre estimei dentro de casa, mas parece até que é aquele provérbio antigo, casa de ferreiro, espeto de pau. Na casa de meu pai, eram cinco irmãos, o único que continuou para se manter dentro fui eu, na minha casa sou eu e mais três filhos homens, nenhum se ligou na Chegança, as três filhas mulheres nenhuma se ligou na Chegança”.

Para ele, aprender as músicas e as danças da encenação exige uma habilidade muito especial: amor. “Eu aprendi porque quando eu comecei a sair na Chegança eu me apaixonei pela Chegança. A partir daí, todos os meus assuntos eram Chegança. Tinha um professor em casa, então eu sentava com ele, pai o que é isso, ele me dizia, pai o que é aquilo, ele me dizia, pai o que aquilo e outro ele me dizia... De forma que eu aprendi, porque meu pai me ensinou e tinha curiosidade de aprender porque eu conheço pessoas que moravam na casa de Totonho de Eurico que eram pessoas especialistas em Chegança e não aprenderam nada porque não queria aprender”.

Palavra de Mestre



Foto Carol Garcia

Osmar Tosta de Jesus Filho – Tosta

Tosta nasceu em 19 de dezembro de 1965, em Santo Amaro. É pescador e participa da Fragata Barca Nova há mais ou menos 12 anos. Atualmente faz a função de general.

Ele sempre apreciou a Chegança de longe. Sentia-se acanhado e nunca se aproximava de alguém para perguntar o que era necessário para participar do grupo. Até que Zé, o atual contra-mestre o convidou para “sair na Chegança”.

“Eu treinava o toque do pandeiro com um prato em casa”. Tosta começou como Marujo e logo depois passou à função de general, antes dele ocupada por Eurico, que só saiu quando já não aguentava mais. O próprio Eurico levou Tosta para ensaiar “o general”. “Para pegar o jeito da luta de espadas, eu pegava dois paus, um numa mão e um na outra lutando, como se tivesse com outro, no caso. Imitando como eu faço com Antônio. Aí passei a gostar desse papel”.

Apesar da sua história não ter uma ligação direta com a de nenhum parente próximo, ele

tem a referência de uma pessoa da família, “Mosquito”, que participou da Chegança no papel de Mouro Velho.

Para Tosta, a manifestação é feita de muito companheirismo, muita fraternidade. Todos se ajudam. “Muitas vezes eu não podia ir ao ensaio, tinha que ir pescar e alguém me arranjava cinco reais para comprar o pão do dia”.

Palavra de Mestre



Foto Carol Garcia

José Alves de Jesus – Djalma

Seu Djalma nasceu no dia 17 de abril de 45, em Saubara. A casa era de taipa e de palha. E, nela, viveu os melhores momentos da sua infância, brincando de “correr picula e guerró”, e de esconderijo.

O menino seguiu os passos do pai, Quirino Pimenta de Jesus, e, com 13 anos, já estava encantado pela Chegança. Assumiu o papel de guarda. Hoje, faz o papel de Mouro Velho. Ele é também o atual presidente da Fragata Barca Nova.

Como todos os demais, na sua vida os ensaios ocupavam as horas de lazer. “O grupo, a alegria que tive com todo mundo, com os camarados quando saiam vestidos eu achava bonito, pra mim era a marinha mesmo. Mas o que mais encanta são as vestes, as músicas, os bailados e principalmente o combate. É tudo pra mim”.

Seu filho faz papel de Guarda e o neto é marujo mirim. Apesar de enfrentar muito preconceito, na casa de Djalma a tradição é forte. “A gente ouve nas ruas: bando de velhos abastalhados! Mas essa é uma tradição velha, que tem que seguir adiante. Quem não quiser, paciência”.

Palavra de Mestre

Lázaro Nery dos Santos – Lazinho

Lázaro Nery dos Santos, Lazinho, tem 61 anos. Nasceu em Saubara. Até hoje ele sai para pescar. Ele se lembra de um tio do pai chamado Justino Bailarino, que participava da Barca Nova. Tem dois filhos participando, como contramestre e marujo. Seu encanto de menino permanece. Ele sonha em conseguir um terreno com a prefeitura para fazer uma sede para a Chegança.

“Vi a marujada ‘tava com 10 anos. A beleza que vi eu vi na rua, as vestes, eu achei tão bonito e aí eu criei amor pela chegança. O que fazia era brincar, estudar e pescar. E daí comecei a gostar dela, tanto que eu comecei a gostar, que fazia parte de todas três: a masculina e a feminina. Desde 10 anos eu comecei a gostar da chegança e faço parte dela. A minha função, hoje, é de contra guia e patrão”.



Foto Camila Souza

Palavra de Mestre



Foto Carol Garcia

Aurelita Rocha de Jesus – Fiinha

Dona Aurelita Rocha de Jesus é Fiinha. Veio ao mundo em 25 de julho de 1950. Chegou nele, tendo Saubara como porta de entrada. Como a grande maioria das mulheres locais, é marisqueira e dona de casa. Ela é uma das lideranças fundamentais para o grupo, após a saída das fundadoras. Adora as manifestações populares. “Eu sempre estou esticando é pra tudo, é para a chegança, é para o terno...”

Sua maior influência foi o pai, que era general na Barca Nova Masculina. “Eu tive uma infância ótima. Graças a Deus! Desde pequena meu pai sempre saiu e eu sempre acompanhei. Eu fui gostando... Tomei gosto foi por aí. Eu sentia muito orgulho ao ver meu pai como general”.

Na estrutura da encenação, a função de general é sua desde o começo do grupo na década de 90. Há 20 anos está nesse posto. Ela assumiu, por um tempo, duas funções: de general e comandante, e atualmente faz papel de general e de mestre.

“Bom o desafio é o mesmo de sempre, o desafio é que a gente não acha apoio de ninguém porque se achasse apoio seria uma coisa muito melhor, porque quando tem apoio o negocio anda melhor. Mas, como não tem, o apoio somos nós mesmos, vai caindo, levantando, caindo e emendando, e com força de vontade para seguir em frente. Não, a contribuição é nós mesmos, a própria Marujada. Pessoas assim unidas porque quando a gente precisa de alguma coisa sempre nós fazemos, não temos ajuda a não ser de nós próprios”.

Palavra de Mestre



Foto Carol Garcia

Tania Regina da Silva Santos

Tânia Regina da Silva Santos é filha de Saubara e nasceu no dia 04 de fevereiro de 1957. Na Chegança de Mouros Barca Nova Feminina ela tem o papel de patrão. Antes fazia o contra mestre. Tania considera que não teve infância. Trabalhou muito, desde que se lembra. Primeiro para ajudar os pais. A mãe, que era envolvida com as brincadeiras da cultura popular, contava com a ajuda da filha para “olhar” os irmãos menores quando ela saía. Depois, casada, trabalhou muito para criar os filhos.

A possibilidade de sair com a Chegança Feminina, veio com a aposentadoria. Vendo o marido Lazinho sair ela aprendeu a gostar. Agora, levam os netos junto com eles. Para Tania, esse é o único jeito de não deixar o movimento findar, afinal, não há incentivo do poder público local para a Chegança. “Ela cai e levanta, pessoas incentivam, aí tem crítica. Temos que manter organizado, fazer os ensaios, conversar com as meninas para não deixar parar. E por aí vai”.

Palavra de Mestre

Sandra Conceição da Silva

“Depois que passei a participar, fiquei mais conhecida. A gente vai para os lugares, as pessoas reconhecem. É gostoso!” Sandra Conceição da Silva assume o papel de “guia” na Chegança Barca Nova Feminina. Ela é irmã de Tânia Regina da Silva Santos, que faz o patrão. Professora, nasceu em Santo Amaro, no dia 23 de novembro de 1969. Ela começou a participar na segunda fundação do grupo, no papel de guia, depois fez o mouro, o gajeiro e agora voltou à sua função original.

Sandra tem boas lembranças da infância. E a principal é a das brincadeiras na rua, que incluía imitar a chegança quando saía na rua. “No dia seguinte não se falava outra coisa na cidade. A conversa só era chegança. A criançada saía batendo lata pela rua”.

Para Sandra, o toque do pandeiro é irresistível. A vontade de tocar, cantar e dançar junto com o desafio de reativar uma “brincadeira”. “Colocar (a Chegança) novamente nas ruas, valorizando a cultura do município foi uma grande motivação”. Aprendeu as letras das músicas de tanto ouvir e, com a ajuda do mestre Pintinho (Mouro), aprendeu o toque do pandeiro.



Foto Carol Garcia



*Chegança de Mouros Barca Nova
Feminina. Cabuçu, janeiro de 2014.*

Foto Carol Garcia

Sustentabilidade

“Eu imagino que as manifestações permaneceram, persistiram ao longo desse tempo por conta do sentimento que cada um tem de pertencer a elas, porque as pessoas se sentem felizes em fazer. Ninguém nunca ganhou dinheiro tocando e cantando com a Chegança. Espero que um dia eu consiga, mas imagino que não vai ser fácil”.

Rosildo Rosário

A sustentação é a ação de sustentar. Sustentar, manter de pé. Fica de pé o que está vivo. E a vida é extremamente dinâmica. A verdadeira sustentabilidade das manifestações populares e tradicionais, da cultura brasileira, tem a ver com o direito à memória, com o efetivo acesso, dos seus participantes, às políticas públicas e serviços básicos, como saúde, educação e habitação.

Acesso aos direitos envolve participação ativa, que por sua vez requer o desenvolvimento de habilidades específicas. Ocupar o espaço em que as políticas são formuladas, em que as prioridades de destinação de recursos são definidas é desafiador. Mas também, é uma possibilidade concreta no Brasil atual.

A experiência da Chegança em Saubara é bastante reveladora da nova concepção de cultura adotada pelo Brasil na última década. Podemos notar um importante momento de intersecção entre as práticas decorrentes do que comumente chamamos “tradição” e algumas “inovações”.

Estas perpassam os modos de comunicar, de se organizar e, sobretudo, de acessar recursos. Dimensões que estão, necessariamente, interligadas.

Não é somente o fato de ter uma pessoa jurídica regularizada que torna um grupo mais apto a acessar recursos públicos. Conhecer e transitar pelos caminhos da burocracia e das formalidades jurídicas, por exemplo, é um dos diversos aspectos fundamentais.

A nova geração, os netos, os bisnetos, os sobrinhos dos mestres da cultura popular, conseguiram ir à escola. Em muitos casos, alcançam o ensino superior e continuam na tradição. Um novo desafio se apresenta: ter novos conhecimentos e se manter na tradição.

De forma complementar à toda movimentação nos planos nacional e estadual, cada grupo organizado também investe no incremento de arranjos produtivos, sintonizados com as características específicas do lugar.

O arranjo almejado pelos grupos de Chegança em Saubara inclui todos aqueles que participam em atividades produtivas com retorno financeiro, já que os componentes da Chegança são pessoas com as mais diferentes profissões. Pedreiro, carpinteiro, pessoas que



Foto Carol Garcia

Chegança de Mouros Barca Nova Feminina. Cabuçu, janeiro de 2014.

fazem trança de palha, que fazem renda, pescadores e marisqueiras.

Nos eventos que realizam, são necessários palco, pintura de paredes, objetos para brindes, cenário ou decoração, marisco pra fazer a alimentação. Eles estão traçando estratégias para que as pessoas, com suas atividades profissionais de origem, também desenvolvam trabalhos ligados à movimentação cultural realizada pela Chegança, pelo samba de roda e outras manifestações do recôncavo.

Para isso, precisam do “recurso semente” que permita qualificar a produção dos eventos, assim como a mão de obra, para atuar de forma específica. Além de dar potência às habilidades já existentes e mapeadas, estão também buscando recursos, para incrementar os momentos de formação, principalmente da juventude, nas áreas já citadas e também na produção cultural e comunicação.

As mulheres, as crianças, as escolas

As primeiras Marujadas em Saubara não tinham mulheres. Elas criaram seus grupos inspiradas no que viam os maridos fazerem. A encenação é a mesma da masculina. A Fragata Brasileira Feminina está em processo de organização.

Outra estratégia adotada é o envolvimento das crianças. Além da participação de alguns familiares diretos nos grupos dos adultos, as escolas do município firmaram parceria com as Cheganças e, com apoio do Mais Educação, estão formando grupos mirins na cidade.

Foto Carol Garcia



Apresentação em janeiro de 2014.
Oseas, Kevem e Juão.

Um exemplo de cheganceiro mirim, terceira geração na família, é Juão Miguel Ribeiro do Rosário. Ele gosta de pega-pega, esconde-esconde, de fazer vrummm com o carrão de brinquedo. Vai para a escola diariamente. Teria exatamente a mesma rotina que qualquer criança, em muitos lugares do mundo, se não fosse ele o atual calafatinho na Fragata Brasileira.

Tem sete anos e sai com o grupo desde os três anos de idade. O pai (Rosildo Rosário) leva o garoto para os ensaios. “Acompanhando os ensaios, vendo eles nas ruas, nas festas... Fui

aprendendo. Um dia ele (o pai) me botou no cordão e, quando ele foi tocar, e foi pra rua, eu saí com ele. Eu sou o calafatinho, que conserta o barco”.

O que ele mais gosta de ver é o pai, e o tio Bujão (Aderivaldo Moreira do Rosário), o atual piloto do grupo, com a espada na mão, lutando.

Deixa o tempo falar.



Álbum de Recordações

“O Brasil está repleto de exemplos de reconfiguração cultural. Assim, a porção de elementos da África Ocidental e da África das culturas bantus é diferente de acordo com a região e mesmo com a manifestação em si. Mesmo assim, quando cheguei aqui há mais de trinta anos, espantei-me diversas vezes com o quão pouco se considerava a importância das culturas bantus para os folgedos como congada de São Paulo e de Minas Gerais, ou a marujada na Bahia. Em especial em relação a esta última, os autores subestimavam a porção Africana justamente por acreditarem que essa manifestação representasse unicamente um auto português (em torno do marinheiro). Justo a corporalidade dessas manifestações já indica de onde provêm as suas bases conceituais.”

(Kubik, 2008: 97)

Homenagem

Aos homens e mulheres que em algum momento de suas vidas fizeram a Chegança tomar as ruas:

Sonita, Maria de Tiemé, Liete, Barbinha de Peró, Leninha, Ceiça, Neia, Marineide, Jorjina, Miralva, Lucilda, Rute, Dina, Ninha, Leninha, Didica, Romilda, Cachicó, Caga na Lata, Chico Cu Azedo, Dijão, Gazimira, Juvenal, Piduca, Totoco, Zé, Tuninho, Balão, Marinho, Umberto, Matheus de Sanega, Maxsuel.

IN MEMORIAM

CHEGANÇA DE MOUROS BARCA NOVA FEMININA

Madalena Passos

Iracema

CHEGANÇA DE MOUROS BARCA NOVA MASCULINA

Manoel dos Passos de Jesus (Passinho)

Jildo dos Passos de Jesus

Antônio Pedro da Silva (Totonho)

Manoel Flodorindo da Rocha (Eurico)

Carlos (Cabolero)

Manoel de Jesus (Aé)

Antônio Carlos Barbosa (Bico Gordo)

IN MEMORIAM

CHEGANÇA DE MARUJOS FRAGATA BRASILEIRA



*Ailton Conceição dos Reis
- Ica*



*Antonio Carlito de Santana -
Toinho de Dodô*



*Antonio Geraldo da Cruz -
Antonio da Petrobras*



Antonio Roque da Cruz - Codô



Bispo Barbosa - Bispo



*Dionísio Bispo do Rosário
- Duca*



Eufrazio da Silva - Flavinho



*Gonçalo Mercês dos Santos
- Gonçalo*

IN MEMORIAM

CHEGANÇA DE MARUJOS FRAGATA BRASILEIRA



*João Faustino das Mercês
- Daco*



José Evangelista de Santana



*Manoel Satyro dos Santos
- Satu*



*Raimundo Bento do Rosário -
Mundinho*



*Romualdo da Cruz Barbosa -
Muca*



Zinoel de Araujo

Arquivo das Cheganças

Momentos diversos pelas ruas de Saubara.



Arquivo das Cheganças

Momentos diversos pelas ruas de Saubara.



Arquivo das Chegadas

*O Calafatinho
com o seu
martelo de
madeira.*



*Ensaio na sede
da Fragata
Brasileira.*

Arquivo das Cheganças



FOLCLORE



O tradicional folguedo popular de Marujada, uma bela manifestação folclórica que os colonizadores portugueses nos deixaram, é a atração amanhã, domingo, às 18 horas, no Campo Grande. A apresentação da Chegança de Marinhas Fragata Brasileira, do distrito de Saubara, em Santo Amaro da Purificação, no domingo, em Salvador, é uma das raras oportunidades para adultos e crianças verem algo que dentro de mais 20 ou 30 anos terá desaparecido.

A Chegança de Saubara, que conta com a colaboração da Fundação Cultural do Estado e do Sesc-Senas, é composta de cerca de 50 pessoas e do grupo, destacam-se o mestre, o contramestre, o general, o porta-bandeira, o guarda-marinha, o curvado, o padre capelão, os cafetinhos e os pajeiros. As músicas, originais, com as danças, retratam em linhas gerais, a vida atribulada do marinheiro, os perigos do mar, as batalhas e, no final, as levuações por terem sido salvos.

*Jornal ATARDE,
28 de agosto de
1980*

I Encontro de Chegança da Bahia

Foto Arquivo pessoal



Momento de descanso.

O I Encontro de Chegança da Bahia foi um passo importante para dar visibilidade aos grupos de chegança organizados no estado. Realizado nos dias 2 e 3 de agosto de 2013, em Saubara, reuniu oito cheganças de quatro municípios: Chegança dos Marujos Fragata Brasileira, Chegança Fragata Barca Nova Masculina e Feminina (Saubara), Marujada de Jacobina, Chegança de Mouros Masculina e Feminina de Arembepé (Camaçari), Chegança Marujada de Taperoá e a Marujada de Cairu.

Além de promover o encontro dos chegançeiros em busca de reconhecer semelhanças e diferenças, esse evento, que reuniu mestres e mestras de Chegança da Bahia, criou um espaço de conversa sobre a importância desta manifestação para o Brasil. Como resultado, foi encaminhado o pedido de registro dos grupos de chegança/marujada com Patrimônio Cultural da Bahia.



I Encontro de Chegança da Bahia



*Chegança de
Mouros Feminina
de Arembepe*

*Chegança
de Mouros
Masculina de
Arembepe*

Foto Camila Souza



*Página esquerda:
Rua de Saubara
no I Encontro
de Chegança da
Bahia*

Foto Camila Souza

I Encontro de Chegança da Bahia



*Conversas entre
cheganceiros*

Foto Camilla Souza



*Sede da
Chegança dos
Marujos Fragata
Brasileira, em
Saubara*

Foto Camilla Souza

I Encontro de Chegança da Bahia

Foto Camila Souza



*Chegança de
Mouros Feminina
de Arembepé*

I Encontro de Chegança da Bahia



Foto Camila Souza

*Chegança
de Mouros
Masculina de
Arembepe*

I Encontro de Chegança da Bahia

Foto Camila Souza



*Marujada de
Cairu*

I Encontro de Chegança da Bahia



Foto Camila Souza

*Marujada de
Jacobina*

I Encontro de Chegança da Bahia

Foto Camila Souza



*Chegança
Marujada de
Taperoá*

Arquivo do Fotógrafo: Adenor Gondim



Arquivo do Fotógrafo: Adenor Gondim



Arquivo do Fotógrafo: Ralph Waddey



Arquivo do Fotógrafo: Ralph Wadley



Referências Bibliográficas

ALVARENGA, Oneyda. Cheganças de Marujos. Registros Sonoros de Folclore Musical Brasileiro V. Prefeitura Municipal de São Paulo. 1955.

ARAÚJO, Nelson de. Pequenos Mundos: Um panorama da cultura popular da Bahia. Salvador: Empresa Gráfica da Bahia, 1986. 360 p. (Tomo I - O Recôncavo).

QUERINO, Manuel. Cheganças. In: QUERINO, Manuel. A Bahia de Outrora. 3ª. ed. Salvador: Livraria Progresso Editora, 1955. p. 62-68.

XIMENES, Sérgio. Minidicionário da Língua Portuguesa. São Paulo, Ediouro. 2ª ed. Reformada, 2000.

Composto no Adobe InDesign CS5,
com as fontes Merriweather e PT Sans.

As Marujadas de Saubara

Este catálogo faz parte de uma coletânea que engloba CD, vídeo documentário e site. É uma realização da Associação dos Marujos Fragata Brasileira e faz parte do seu propósito de salvaguardar o que, hoje, mostra-se como Chegança de Mouros e Chegança de Marujos no município de Saubara.

O material apresenta a história dos três grupos existentes no município: Chegança dos Marujos Fragata Brasileira, Chegança de Mouros Barca Nova Masculina e Chegança de Mouros Barca Nova Feminina. Contada pelos próprios membros dos grupos, mantendo assim, de forma bastante original, seus depoimentos.

Esse material pode também ser encontrado no nosso "envelope virtual", aberto a todos os interessados: <http://marujadadesaubara.org.br>

Lá, além de ver o vídeo, ler o catálogo e ouvir as músicas com a liberdade de poder compartilhar, é possível conectar-se a esse movimento pelas mídias sociais, acompanhar seu cotidiano e sua irresistível agenda de festejos.

PATROCÍNIO



REALIZAÇÃO



APOIO

